



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

IR. SABRINA DE ALBUQUERQUE ALEIXO

PEDAGOGIA DA OFERTA:

A IMPORTÂNCIA DA ESPIRITUALIDADE NA FORMAÇÃO INTEGRAL DA
JUVENTUDE

FORTALEZA

2018

IR. SABRINA DE ALBUQUERQUE ALEIXO

PEDAGOGIA DA OFERTA:

**A IMPORTÂNCIA DA ESPIRITUALIDADE NA FORMAÇÃO INTEGRAL DA
JUVENTUDE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal do Ceará
como parte dos requisitos necessários para a
obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr. Ercília Maria Braga de
Olinda

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A348p Aleixo, Sabrina de Albuquerque.
Pedagogia da Oferta : A importância da espiritualidade na formação integral da juventude /
Sabrina de Albuquerque Aleixo. – 2018.
72 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de
Educação, Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda.
1. Educação e Espiritualidade. 2. Formação Integral. 3. Juventude . I. Título.

CDD 370

IR. SABRINA DE ALBUQUERQUE ALEIXO

PEDAGOGIA DA OFERTA:

**A IMPORTÂNCIA DA ESPIRITUALIDADE NA FORMAÇÃO INTEGRAL DA
JUVENTUDE**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Data da aprovação: ____/____/____

Banca examinadora:

Ercília Maria Braga de Olinda – Dra. UFC

Professora Orientadora

Luís Távora Furtado Ribeiro – Dr. UFC

Membro da Banca Examinadora

Aline da Silva Sousa – Dra. UFC

Membro da Banca Examinadora

Dedico este trabalho à minha família religiosa, as Irmãs da Purificação, e aos jovens.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para que eu alcançasse este objetivo. E agradeço de modo muito especial:

A Deus, a quem só tenho a agradecer pelos dons que continuamente me concede por Sua Bondade. Ele que é o princípio, fundamento e sentido da minha vida, por quem escolhi me ofertar por meio da consagração religiosa e dedicar todo o louvor e serviço.

A minha família, que sempre me apoiou e motivou nos estudos, mas que, principalmente, formou a pessoa que sou hoje nutrindo em mim a relação com Deus e com o Sagrado e me educando nos valores que não passam.

As minhas irmãs de comunidade que também me apoiaram e se alegraram comigo na construção deste trabalho e que contribuíram na minha formação como consagrada não só por palavras, mas pelo testemunho. De modo muito particular, também agradeço a Madre Teresa Giuseppina, que com o seu querer bem materno, atenção, cuidado e presença, me auxilia, sustenta e motiva na caminhada.

Aos jovens, a quem dedicamos a nossa missão e que nos fazem desejar cada vez mais ser de Deus para podermos ser para o outro. A eles a minha gratidão também pelo carinho e disponibilidade que apresentaram no confronto comigo e com a minha pesquisa.

Aos meus amigos que, cada qual a seu modo, motivaram-me em realizar esta pesquisa.

A professora Ercília Braga que, com a sua orientação e atenção, tornou possível a construção deste trabalho.

A todos vocês o meu querer bem, oração e o meu muito obrigada!

“Educar é uma missão importante que aproxima tantos jovens do bem, do belo e do verdadeiro” (Papa Francisco)

RESUMO

Resumo: O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é o resultado de uma pesquisa cujo objetivo era discutir a importância da espiritualidade na formação integral da juventude, partindo da experiência missionária-formativa das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima. De caráter qualitativo e utilizando-se da estratégia de estudo de caso, teve como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica, a análise documental, entrevistas semiestruturadas e o círculo de cultura. Para tal, fundamentou-se, entre outros, em teóricos como Dewey (1979), Yus (2002), Morais (2002) e Francisco (2018), que discutem a unificação da educação com a vida e a formação integral do indivíduo. Primeiramente, foi apresentado a história do Instituto das Irmãs da Purificação, que por mais de três séculos vem desenvolvendo um trabalho de acolhimento, acompanhamento, educação e formação da juventude, sendo essas características traços marcantes de sua prática pedagógica. Em seguida, a partir do que foi colhido das falas dos sujeitos desta pesquisa, que eram os jovens e as próprias irmãs, foram realizadas as reflexões a respeito da importância da espiritualidade na formação. No fim, pude perceber o quanto importante e urgente tem se tornado o trabalhar esta dimensão espiritual na formação dos jovens. Essa necessidade e desejo parte também da juventude, na esperança de que se possa chegar a uma sociedade mais humanizada e ética.

Palavras-chave: Educação e Espiritualidade. Formação Integral. Juventude.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Esquina da quadra do primeiro convento	19
Imagem 2: Retrato falado de Madre Ângela	21
Imagem 3: Cricifixo de Madre Ângela existente até hoje na Casa Mãe	21
Imagem 4: Grupo de internas em 1800.....	23
Imagem 5: Grupo de crianças da escola materna de Asti, Itália	23
Imagem 6: Grupo de internas em um passeio	23
Imagem 7: Grupo de internas em 1936/1937	23
Imagem 8: Pessoas consolando, foto escolhida pela jovem Hayanne	34
Imagem 9: Amigos conversando, foto escolhida pelo jovem Gigliato.....	35

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO	9
1.1 – Justificativa e objetivos da pesquisa	9
1.2 – Abordagem metodológica e procedimentos.....	12
II – O INSTITUTO DAS IRMÃS DA PURIFICAÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA	15
2.1 – Um pouco do contexto	15
2.2 – O início do Instituto das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima	17
2.3 – Madre Ângela Maria Sordi	20
2.4 – Uma nova pedagogia	22
III – REFLEXÕES SOBRE A ESPIRITUALIDADE NA FORMAÇÃO INTEGRAL DOS JOVENS: O QUE DIZEM OS SUJEITOS	24
3.1 - O que dizem as irmãs sobre a espiritualidade na formação integral	24
3.1.1 – O que é espiritualidade.....	25
3.1.2 – A importância da espiritualidade na formação dos jovens.....	27
3.2 – O que dizem os jovens sobre as contribuições das Irmãs na consolidação da espiritualidade em sua formação	28
3.2.1 – As experiências com as irmãs e seus aprendizados	29
3.2.2 – A contribuição das irmãs	31
3.2.3 – Sugestões dos jovens para aprimorar o trabalho das irmãs	32
3.3 – A experiência do círculo de cultura	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37

REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE A	42
APÊNDICE B.....	43
APÊNDICE C	44
APÊNDICE D	47
APÊNDICE E.....	49
APÊNDICE F	52
APÊNDICE G	53
APÊNDICE H	54
APÊNDICE I.....	56
APÊNDICE J	58
APÊNDICE K	59

I – INTRODUÇÃO

“Os jovens estudantes procuram de diversas maneiras a ‘vertigem’ que os faça sentir que estão vivos. Então, vamos dar isso a eles! Estimulemos tudo o que realmente os ajude a transformar seus sonhos em projetos. Vamos trabalhar para que descubram que todo o potencial que eles possuem é uma ponte, uma passagem para uma vocação, no sentido mais amplo da palavra” (Papa Francisco)

1.1 – Justificativa e objetivos da pesquisa

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como temática central a relação entre educação e espiritualidade. Traz um estudo histórico-pedagógico sobre o espaço da espiritualidade dentro da formação integral da juventude na missão educativa do Instituto das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima. Antes de chegar a este tema, havia buscado muitos outros, que também haviam chamado minha atenção, por serem das áreas que gosto, como a ludopedagogia e a arte educação. Contudo, desejava fazer um trabalho que me visse nele e que, principalmente, sentisse prazer em pesquisar e que servisse de conteúdo para a comunidade religiosa da qual faço parte.

Parando para observar as escolas de hoje, principalmente aquelas que recebem maiores destaques em *outdoors* e propagandas televisivas, notei uma preocupação em formar pessoas aptas e cada vez mais profissionais para o mercado de trabalho, isto quando não somente para passarem nos grandes exames nacionais. Lembrei-me da escola onde passei a maior parte dos anos da minha vida escolar. Sendo um colégio religioso, seus dirigentes diziam que não iriam nos preparar para o Enem porque não queriam formar competidores, mas como dizia o santo padroeiro da instituição – São João Batista Piamarta – queriam formar “bons profissionais, bons cidadãos e bons cristãos”. Com isso, encontrei-me no texto de Mosé (2013), quando ela fala que nas escolas há um investimento em atividades que priorizam o saber institucionalizado em detrimento de outros saberes. Assim, tem-se uma escola para o trabalho fragmentado e não para a vida.

Na universidade, havia escutado falar muito da importância da formação multidimensional e que a educação deve contribuir para o desenvolvimento integral da criança, do jovem e do adulto, conforme preconizado nas diretrizes curriculares tanto da

educação infantil, quanto do ensino fundamental e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Acabei por observar também que, nestes discursos de formação integral, partia-se muito de uma compreensão dual do homem: corpo e alma (*psique*), e isso me inquietou bastante pois, partindo de minha formação educativo-religiosa, e diria que até com a contribuição de uma disciplina que havia feito na universidade em 2014, *O Fenômeno Religioso e a Formação Humana*, ministrada pela professora Ercília Braga, compreendia que o ser humano não deveria ser concebido de forma tão cartesiana.

Para Teófanos, o Recluso, o ser humano é composto por três partes: o corpo, a alma e o Espírito Santo (SPIDLÍK, 2005). Cada uma dessas partes, segundo o autor, tem as suas necessidades e a maneira de vivê-las: “o corpo se move, se alimenta, respira; a alma pensa, decide, sente; e o Espírito Santo reza” (SPIDLÍK, 2005, p. 07). Para Leonardo Boff, partindo de pensadores como Heigel e Heidegger, o espírito “é o ser humano na sua totalidade enquanto ser que pensa, que decide, que tem identidade, que tem subjetividade, é sujeito” (BETTO; BOFF, 2008, p. 76). O espírito também é liberdade, e não só, é criatividade e mistério.

Partindo dessa compreensão trinitária do homem, onde três dimensões distintas se correlacionam em uma comunhão que o faz ser aquilo que é, e isto, exatamente, por causa desta relação, que me veio o desejo de pesquisar sobre a importância da espiritualidade na formação integral. Com Dewey (1978) é possível ver que a educação deve ser para a vida e por compreender que a espiritualidade é uma dimensão da vida do ser humano, é que tenho me perguntado: será que, realmente, está sendo pensada a espiritualidade na formação integral?

Pensando nisso, foi que resolvi pesquisar sobre esta espiritualidade na formação integral no Instituto das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima. Ao falar sobre as irmãs, escrevo em primeira pessoa do plural por sentir que escrever sobre elas é escrever sobre mim, pois sou juniorista e há cinco anos moro na instituição. As conheci quando iam fazer missão em minha comunidade. Elas iam como catequistas de crisma, no período em que eu estava fazendo a preparação. O contato, o descobrir e conhecer o seu carisma, espiritualidade e missão, me encantaram e fizeram que eu descobrisse, cada vez mais, a vocação para a vida religiosa consagrada dedicada ao serviço dos jovens.

É no carisma de Vida em Oferta, de modo particular, pela juventude, que nós, Irmãs da Purificação, por três séculos e meio, desenvolvemos a missão no campo educativo,

mudando a forma de como desenvolver este trabalho conforme os sinais dos tempos. Mesmo, em seu início, sem um aparente contato com os teóricos da pedagogia, hoje tão renomados, as primeiras irmãs já buscavam esta formação integral, dedicando-se à formação humana e cristã das jovens, a partir das menores, ou seja, as mais pobres: “formavam [assim] a inteligência com a cultura, educavam o coração e a vontade orientando as alunas para a Verdade e o Bem” (RISSO, 1989, p. 38).

Venho observando em nossa história e na conversa com os jovens de hoje e de outros tempos o quão bem estivemos fazendo na vida das pessoas, com o nosso contato. Nossos processos formativos têm ajudado na vida delas. E foi partindo destes pressupostos que me vieram, posteriormente, as seguintes questões:

- Qual o espaço da espiritualidade e sua importância dentro da chamada formação integral?
- Como nós, Irmãs da Purificação, estamos desenvolvendo este trabalho de formação integral, de modo particular com o enfoque na espiritualidade?
- Como os jovens que acompanhamos percebem em suas vidas a importância da espiritualidade?
- Qual a relevância que nós, Irmãs da Purificação, damos à espiritualidade para a formação integral da juventude em nossa missão educativa?

Estas foram, então, as questões que nortearam a pesquisa que deu origem a este TCC. O principal objetivo do mesmo é discutir a importância da espiritualidade dentro da formação integral da juventude a partir da missão educacional do Instituto das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima. Para tal, buscarei, como objetivos específicos:

- Identificar a importância da espiritualidade dentro da missão educacional do Instituto das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima como parte integrante do carisma “Vida em Oferta”;
- Apresentar como a instituição desenvolve a missão educativa de formação integral da juventude, com um enfoque na espiritualidade;
- E analisar como os jovens acompanhados na missão, percebem a importância da espiritualidade em suas vidas.

1.2 – Abordagem metodológica e procedimentos

Para dar continuidade à pesquisa, parti das experiências vividas pelo Instituto das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima, que desenvolvem sua missão no campo da formação. Sendo assim, também, pedi à Madre Geral, responsável pela instituição, a permissão para realizar a pesquisa, tendo, deste modo, acesso aos documentos históricos do Instituto.

A pesquisa ocorreu durante o segundo semestre de 2018 e teve um caráter qualitativo (MINAYO, 2013) com a utilização da estratégia do estudo de caso numa perspectiva histórica e de observação (BOGDAN e BIKLEN, 1994). Utilizei os seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica e documental; observação participativa; entrevistas semiestruturadas e círculo de cultura. A pesquisa bibliográfica englobou autores do campo educacional e permitiu identificar, analisar e refletir sobre a importância da espiritualidade na formação, partindo da vida e da experiência do Instituto e dos jovens.

A observação participante é parte integrante da pesquisa qualitativa, conforme afirma Minayo (2013, p. 70): “nesta abordagem o [...] pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica”.

Em julho de 2018 dei início à pesquisa com as primeiras leituras para fundamentação teórica e aprofundamento da história da instituição. Durante todo o processo de investigação a revisão bibliográfica foi mantida, pois reconheço a importância de um trabalho bem fundamentado para desvelar as relações implícitas nas práticas pedagógicas.

Nos meses de agosto e setembro de 2018, realizei a análise documental. Nesta etapa analisei os arquivos particulares da instituição (atas e registros gerais), bem como algumas publicações (trabalhos teórico-práticos e artigos de jornais) referentes à instituição e arquivadas pela mesma para tentar, numa perspectiva histórica responder minhas questões norteadoras: como era vista, qual o espaço e a importância da espiritualidade nos processos formativos desenvolvidos.

No mês de novembro de 2018 foram feitas as entrevistas semiestruturadas e o círculo de cultura. Entrevistei dois segmentos envolvidos no trabalho da instituição aqui focada: os jovens e as irmãs da Congregação. No primeiro grupo participaram cinco jovens que já foram ou que ainda são acompanhados pelas Irmãs da Purificação. Na voz dos jovens tive respostas sobre a contribuição para a consolidação da importância da espiritualidade dentro de suas

formações. Quanto às freiras, foram entrevistadas quatro religiosas. As mesmas desenvolvem os seguintes trabalhos: o acompanhamento pastoral de adolescentes e jovens da catequese de iniciação à vida cristã e/ou de grupos e o acompanhamento psicológico e espiritual dos mesmos. Elas ressaltaram a relevância dada à espiritualidade dentro da formação da juventude.

Para as entrevistas, elaborarei questões que me serviram de norte (Apêndice A). Estas questões envolveram perguntas abertas e fechadas, de modo que os entrevistados tivessem a possibilidade de discorrer sobre esta temática sem se prenderem em demasia às minhas questões (MINAYO, 2013). Esta técnica também foi utilizada por deixar os entrevistados mais à vontade.

Os círculos de cultura foram realizados com os jovens das pastorais com que trabalho. Este procedimento consiste em proporcionar aos participantes um ambiente dialógico-reflexivo (FREIRE, 1999) e para tal coloca os seus integrantes ao redor de uma “roda de pessoas”, sendo que ninguém ocupa um lugar de destaque como sendo o proeminente (STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2008). Numa perspectiva pedagógica, o papel do professor, que numa pedagogia tradicional é o daquele que sabe e ensina aqueles que não sabem e aprende, é de monitoria, “o coordenador de um diálogo entre pessoas a quem se propõe construir juntas o saber solidário a partir do qual cada um ensina-e-aprende” (STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2008, p.77).

Participaram desse procedimento da pesquisa cinco jovens entre as idades de 25 e 35 anos. Escolhi o círculo de cultura porque, como falado anteriormente, proporciona um ambiente dialógico-reflexivo, além de deixar os seus participantes mais livres e à vontade para apresentarem suas considerações a respeito da espiritualidade, que é o tema desse trabalho, e por contribuir e instigar a uma transformação pessoal, relacional e social (STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2008).

Nos meses de julho a novembro de 2018, contemporaneamente às análises documentais, entrevistas semiestruturadas e círculo de cultura, foram feitos os relatórios, para não permitir que passe despercebido nenhuma informação importante. E, por fim, em dezembro de 2018, apresentei os resultados desta minha pesquisa.

A seguir apresento os capítulos que compõem o presente Trabalho de Conclusão de Curso.

No capítulo intitulado “*O Instituto das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima*”, busco apresentar o Instituto das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima, para tal o dividi em quatro tópicos. No primeiro tópico apresento um pouco do contexto histórico para que deste modo possa-se ter em vista em que meio se desenvolveu a nossa missão inicial. Em seguida, apresento o início do Instituto, desde as primeiras irmãs até as dificuldades que enfrentaram para consolidá-lo. No terceiro tópico, falo um pouco de nossa Madre Fundadora, apesar de não ter sido ela uma das primeiras irmãs de nosso instituto ela foi uma pedra fundamental na construção do mesmo. E por fim, falo um pouco da nova pedagogia realizada pelas irmãs, que, apesar da mudança na forma de desenvolver a missão através dos séculos, os elementos constituintes continuam o mesmo.

O capítulo “*Reflexões sobre a espiritualidade na formação integral: o que dizem os sujeitos*” apresenta os resultados desta pesquisa. Primeiramente, foi feita uma reflexão a partir das ideias-chaves retiradas das entrevistas com as irmãs, fazendo um paralelo com aquilo que é encontrado na literatura. No segundo tópico são apresentadas as respostas das entrevistas realizadas com os jovens, também buscando relacioná-las com os autores, e, em seguida, as reflexões dos jovens realizadas no círculo de cultura.

II – O INSTITUTO DAS IRMÃS DA PURIFICAÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA

“Os nossos jovens serão capazes de profecia e de visão na medida em que nós, tanto adultos como idosos, somos capazes de sonhar e assim contagiar e compartilhar os sonhos e as esperanças que trazemos no coração.” (Papa Francisco)

2.1 – Um pouco do contexto

De acordo com Silva (2004) o século XVII foi marcado pela era absolutista, por mais que esta já começasse a entrar em declínio. Com o início do século XVIII, o Estado Absolutista era organizado em três ordens sociais ou, como mais comumente chamado, em três Estados. Desse modo, a sociedade era dividida em Primeiro Estado, que compreendia o clero, a ordem social mais importante e poderosa; o Segundo Estado, formado pela nobreza; e o Terceiro Estado, formado pela burguesia e o povo em geral.

Esta forma de governo influenciava fortemente todas as dimensões sociais, políticas, econômicas e eclesiais. No regime absolutista a Igreja e o Estado tinham uma unidade, mas que na realidade o que acontecia de fato era uma dependência em relação à Coroa, pois o rei era quem detinha todo o poder e era visto como uma autoridade “sagrada”.

No Estado absolutista a desigualdade social entre os três estados eram grandes, existindo assim uma disparidade de privilégios concedidos a um determinado grupo em detrimento de outros. “A dimensão individualista das grandes autoridades era expressão concreta de indiferença aos mais necessitados” (SILVA, 2004, p. 17).

Outro aspecto importante ocorrido neste período foi a Contra-Reforma. Ainda no século XVI a Igreja Católica realiza um de seus mais importantes Concílios, o Concílio de Trento, em 1547, que teve como resultado um caráter militante da Igreja, uma vez que via o povo cristão despreparado devido a falta de conhecimento religioso diante dos abalos da Reforma Protestante (MATOS, 1997 *apud* SILVA, 2004). O acento sobre a necessidade de fazer reemergir a Verdade de Cristo através da caridade também é algo trazido pelo Concílio (MUSCAS, 2009). Nisso, a Igreja evidencia a presença dos mais diferentes modelos de obras humanitárias católicas: hospitais, leprosários, orfanatos, entre outros.

Surgem também nesse período, nas mais antigas Ordens Religiosas, reformadores e fundadores. A vida religiosa torna possível uma renovação dentro da própria Igreja. Além desses aspectos caritativos e de assistência, a Igreja passa a dedicar-se ao aspecto pedagógico como um meio de educar e evangelizar difundindo assim entre adolescentes e jovens o amor a virtude e a procura da verdade.

A atuação da Reforma Católica encaminhada por estas novas ordens religiosas, basearam-se principalmente sobre o ensinamento e instrução da juventude, adquirindo persuasão que a semente da piedade e da cultura lançada nas jovens mentalidades, serão rebentos numa frondosa árvore rica de frutos (SILVA, 2004, p. 22).

Na prática, reconhece-se à Igreja o monopólio da assistência e da instrução, bem como da direção de tudo o que apresente um caráter sagrado ou esteja em conexão com o sagrado. O Estado até pleno século XVIII não se interessa pela instrução, que permanece, por isso, nas mãos dos religiosos de diversas ordens. (MARTINA, 1996, p. 46-47 *apud* SILVA, 2004, p. 27)

É em meio a este turbilhão de transformações sociais e eclesiais que surge uma nova ordem religiosa. Conhecidos como Jesuítas, a Companhia de Jesus surgiu em 1540, tendo como seu fundador Inácio de Loyola. O projeto inicial desses padres era de serem soldados de Cristo para conquistar o mundo ao Divino Capitão que convida a ir e pregar o evangelho a todos os povos (cf. Mc 16, 15). Estes padres tinham as suas vidas para a maior glória de Deus, como serviço a Deus e ao próximo, por isso não viviam em mosteiros, viviam

[...] na disciplina, no estudo austero, na oração intensa, mas depois mobilizado pelo amor partiram para educar os jovens a Cristo, os adultos do amanhã que ocupariam os primeiros lugares na sociedade; para conquistar ao Divino Mestre os povos que não O conheciam [...] “Companhia de Jesus” que instrui, educa, eleva, constrói um humanismo cristão onde Cristo coroa o homem e mulher com as dimensões de eternidade. (RISSO, 1989, p. 19)

Foi apenas em 1600 que os Jesuítas se propuseram o objetivo de dedicarem-se, indiferentemente, a educação e a formação do homem e da mulher. “A educação dos Jesuítas adquire de forma grandiosa um especial sucesso, sobretudo pela habilidade dos Padres que, conhecendo profundamente o espírito humano, conseguiram superar qualquer situação” (SILVA, 2004, p. 23).

2.2 – O início do Instituto das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima

Em 1621 os Jesuítas chegam à cidade de Savona, localizada na região da Ligúria na Itália. Ali, os jesuítas dedicavam-se a educação de jovens estudantes e dirigiam um conhecido colégio para rapazes, mas também se dedicaram a guia espiritual de algumas jovens que desejavam se tornar úteis para os outros e, mais ainda, a imitar no campo feminino o trabalho desenvolvido pelos mesmos padres da Companhia (RISSO, 1989).

A Itália dos anos de 1600 é marcada pela dominação espanhola e a forte crise econômica devido às indústrias têxteis serem quase aniquiladas pelas contratações do mercado e a concorrência holandesa e inglesa (MUSCAS, 2009). Além disso, entre os anos de 1625 e 1630, uma epidemia de peste invade todo o norte do país. Savona, sendo uma cidade antiga, tinha o número de habitantes reduzidos por causa da guerra, a carestia e as epidemias, no entanto, o artesanato feito com vidros, louças e porcelanas e o Santuário de Nossa Senhora da Misericórdia, fazia florescer a beleza da cidade (RISSO, 1989).

Os Jesuítas haviam tentado, já neste período, criar um grupo de irmãs que fizessem o mesmo que estes faziam no confronto dos jovens. Estes, saindo do Concílio de Trento, já se perguntavam: “Por quais motivos a ação educativa que nós aspiramos e realizamos no âmbito dos jovens, não pode ser feita no âmbito das jovens por meio de religiosas?” (FARRIS, 1972, p. 3-4, tradução minha). No entanto, o Papa se colocava contrário, para ele as religiosas deveriam ter apenas uma função, aquela da contemplação.

Havia um grande contraste entre homem e mulher na sociedade da época. A mulher continuava dependente do homem para manter a sua sobrevivência, estas quando se casavam, sendo da classe alta ou média, levavam algum dinheiro, as que não podiam por serem pobres, antes de se casar tinham que trabalhar para arrecadá-lo (SILVA, 2004). As que não casavam, acontecia de irem para os mosteiros, mas entravam ali como um refúgio, não tanto por vocação, mas constrangidas pelos familiares e “por essas motivações viviam infelizes e subtraíam-se o máximo possível a observância das regras” (SILVA, 2004, p. 26).

Em contrapartida, as jovens que aspiravam a vida comum sendo religiosas com os votos comuns – pobreza, castidade e obediência – e uma vida fora dos mosteiros, eram coagidas pelo Concílio de Trento. Como afirma Farris (1972) em seus estudos, nos anos de 1600 pensava-se que as irmãs deveriam ser de clausura, ou seja, todos os mosteiros femininos deveriam ser de vida contemplativa, os muitos serviços que hoje se vê as congregações

prestarem se tornavam impossíveis de se pensar. No entanto, os Jesuítas ainda tentaram fazer algo do tipo na Alemanha, segundo o trecho de uns dos escritos do Bispo, Monsenhor Battaglini (FARRIS, 1972), mas a iniciativa foi condenada pelo Papa Urbano.

Apesar dos obstáculos da Igreja, teve ainda quem conseguisse. Na França, viu-se florescer duas iniciativas deste gênero. Francisco de Sales foi um dos que fundou, em meados de 1600, um grupo de irmãs que praticavam a clausura ao mesmo tempo em que se dedicavam a alguma obra social. Vicente de Paulo, também fundou um grupo de irmãs que ficaram conhecidas como “Filhas da Caridade” e que tinham como objetivo abrir-se a sociedade por meio dos pobres.

Na Itália, e de modo particular na cidade de Savona, a tentativa seríamos nós, Irmãs da Purificação, porém não se encontrava um terreno muito favorável. O clero e, de modo particular o bispo, havia se mostrado desfavorável a realização deste novo tipo de contemplação através da vida ativa. Apesar disso, o projeto das quatro primeiras jovens, Maria Ana e Paula Catarina Arexeiro, filhas do ilustre tabelião de Savona, Paula Maria Inês de Savona e Ângela Maria Merena de Gênova, de dedicarem-se ao estudo, à oração e a educação humana e cristã das jovens de Savona, a partir das menores, num desejo de nisto viverem juntas num só coração e numa só alma começou a criar forma. Em 18 de dezembro de 1665, elas saíram de suas casas para viverem juntas numa casa comum (RISSO, 1989).

No dia 02 de fevereiro de 1666, dia em que a Igreja celebra a festa da Apresentação de Jesus no Templo e a Purificação de Maria, essas jovens se consagram a Deus e vestem o hábito comum. Esta festa marcou a obra nascente que via neste mistério o ideal para contemplar e viver, “como Maria que se faz oferta e havia doado o Filho ao Pai pela redenção da humanidade, também elas deveriam mover-se, entrar e agir no mundo” (MUSCAS, 2009, p. 16, tradução minha) e para isso seriam uma comunidade aberta e ativa no campo da educação.

Contudo, não custou muito e a pequena comunidade teve que ser desfeita, as leis canônicas da época não nos permitia viver daquele modo. As jovens recorreram ao Senado de Gênova para que lhes dessem proteção, este encaminhou a questão ao Governador de Savona que, junto ao Bispo da cidade, informou-se com os jesuítas sobre elas. Após receberem boas indicações, o Bispo de Savona, Monsenhor Estevão Spinola respondeu ao Senado de Gênova aprovando o novo estilo de vida:

Algumas filhas de boa qualidade, mas por não ser daquela nobreza e ter aquele dote, que requeria-se para serem admitidas nos outros mosteiros da cidade de Savona, ficam assim excluídas, sem poder conseguir os seus desejos que seriam de servir a Deus retiradas; escolheram sair da casa dos seus parentes e retirar-se em casa privada entre elas; quase segregadas do mundo e aqui sustentando-se com a fadiga e o trabalho de suas mãos, e com aquele pouco que receberam em dote pelos parentes, ou o que Deus manda para elas como providência; atender sob a indicação do padre espiritual delas, a fazer todo o bem que puderem, freqüentando a Igreja, que será ordinariamente aquela de Santo Inácio como a mais perto, e para a devoção delas, viver com aquele maior recolhimento, que compete às religiosas de clausura [...]. O viver destas filhas nesta forma retirada deverá ser, não só para a glória de Deus, para o grande bem que farão juntas, mas também de grande exemplo e utilidade para a cidade; com elas, então se abrirá o caminho para muitas que não encontrariam lugar nos mosteiros já fundados, por não possuírem o dote suficiente. (SILVA, 2004, p. 29)

Jesuitessas, como ficamos inicialmente conhecidas, realizávamos aquilo que era a intenção dos Jesuítas no âmbito da sociedade. No confronto com a família e com a estrutura de se alcançar a santidade, a espiritualidade do Instituto garantia a jovem que entrava um direito de liberdade e isto se tornava revolucionário. De aspecto bem humilde, permitia a entrada de qualquer jovem, sem importar a classe social. Possuíam assim também um caráter social e acético, onde a irmã se colocava a serviço da sociedade e da Igreja (FARRIS, 1972).

Era a primeira vez que se realizava em Savona uma comunidade onde todos haviam podido entrar e fazer parte de uma vida comunitária, religiosa, feminina, que teria a glória de Deus como o seu objetivo, a santificação da própria alma e realizar um preciso empenho apostólico entre os jovens. A este serviço, dizemos assim, de caráter social se juntou a outro serviço, aquele da Igreja e, isto é, o ensinamento da doutrina cristã. Nas memórias se pode muito bem encontrar quanto este grupo de irmãs esteve empenhadas àquele que é a vida da Igreja e da vida cristã em meio aos povos (FARRIS, 1972, p. 8, tradução minha).

Imagem 1: Esquina da quadra do primeiro convento



(Fonte: RISSO, 1989)

Ao retornarem novamente para o projeto inicial, duas das quatro primeiras jovens não puderam regressar, as irmãs Arexeiro não tinham mais o consentimento do pai. No entanto, outras jovens foram se unindo ao grupo. Entre essas jovens uma se destaca em modo particular, Ângela Maria Sordi, que entrou em maio de 1666.

2.3 – Madre Ângela Maria Sordi

Ângela Maria teve um papel fundamental na formação da identidade do nosso Instituto. “[...] humildade, silenciosa, esquivada, fez de modo que dela e de sua vida quase não permanecessem traços” (RISSO, 1989, p.32). Com isso, não é possível falar de forma aprofundada sua biografia, no entanto, como afirma Silva (2004), os poucos traços apresentados de forma simples, unificam aspectos importantes de sua personalidade fortalecida e consolidada no espírito do Evangelho.

Nascida na cidade de Savona, em 1633, Ângela Maria era de família rica e profundamente cristã. Entrou para o Instituto com a idade de 33 anos e foi-lhe pedido, pelos Padres Jesuítas que ainda acompanhavam as irmãs, para que animasse a pequena obra nascente. Sendo muito humilde e modesta, Ângela Maria não se subtraiu aos desígnios de Deus e, com o auxílio dos mesmos padres, conduziu suas irmãs com grande fineza espiritual, aprofundando o espírito do Instituto e precedendo as demais com seu exemplo.

Esta mulher singular venerada por todos como uma santa, dedicou-se à formação espiritual das irmãs com aqueles dons e aquela eficácia que devia ser proporcionada aos frutos recolhidos, sendo que documentos e tradição concordam em confirmar a virtude e a piedade daquelas primeiras irmãs e das outras educadas por ela. Além das Irmãs a luz espiritual difundia-se sobre as meninas do educandário [...]. Sublinhava-se, entre as outras virtudes a pobreza e a humildade extremas. (CIREFICE, 1933, p. 16-17 *apud* SILVA, 2004, p. 32)

Madre Ângela, como é chamada por ser a Superiora do Instituto, vestiu o hábito que o Instituto já possuía, apenas em outubro de 1684. Neste mesmo ano ela foi reconhecida como Fundadora e responsável. Em 1711 ela cedeu ao mandato de Superiora e mergulhou ainda mais no silêncio e na oração. Aos 13 de abril de 1713, faleceu com a idade de 80 anos.

O Mistério Salvífico da vida de Cristo acompanhou a nossa Fundadora e de modo bem significativo nestas datas da vida de Madre Ângela: ela nasceu próximo a Festa do Natal

do Senhor, dia 20 de dezembro; entrou para o Instituto no dia da Festa da Invenção da Santa Cruz, dia 03 de maio, e faleceu no dia em que se celebrava a Páscoa. “Toda a sua vida pode sintetizar-se num conceito: plasmou a nova congregação seguindo as moções do Espírito com fidelidade cotidiana ao dever, à oração, aos sacramentos e aos conselhos do seu diretor espiritual” (SILVA, 2004, p. 32-33).

Como já havia dito, poucos são os documentos relacionados a Madre Ângela, isto se dá não só pelo fato de ter perdido, mas provavelmente a mesma não quis deixar nenhum outro escrito além das primeiras Regras, que se tornam para nós o seu mais belo retrato (SILVA, 2004). Do pouco que ainda se sabe, muito provém de uma tradição oral conservada na memória das Irmãs, posteriormente, escritos nos arquivos do Instituto, desde os três pedidos feitos diante do Crucificado¹, até mesmo o único retrato que possuímos dela.

Imagem 2: Retrato falado de Madre Ângela



(Fonte: RISSO, 1989)

Imagem 3: Crucifixo de Madre Ângela existente até hoje na Casa Mãe



(Fonte: RISSO, 1989)

¹Conta -se que certa vez, diante de Jesus Crucificado, Madre Ângela rezava por sua pequena comunidade. Talvez, num raio de luz, via suas irmãs caminhando pelos séculos. Segundo a tradição, ela pedia três coisas ao Senhor: que em sua família religiosa não seria o número que contaria, mas o espírito e a santidade; que todas atingissem a salvação eterna e que se alguma fosse de estorvo para a vida comunitária, saísse antes de perder-se; que nenhuma, mesmo sobressaindo-se no heroísmo das virtudes, não fosse a honra dos altares, a fim de que a Congregação vivesse sempre na humildade. Ainda segundo a tradição, a cada pedido feito, o Crucifixo milagrosamente inclinava a cabeça como sinal de ter acolhido os pedidos (cf. RISSO, 1983). Este mesmo Crucifixo encontra-se até hoje na Capela da Casa-Mãe das Irmãs, em Savona, Itália.

2.4 – Uma nova pedagogia

Desta forma, humilde, modesta e escondida, Madre Ângela foi animando com seu exemplo a obra nascente neste caminho da oferta. A missão realizada, como afirmava a introdução das primeiras Regras, tinha como motivação central servir à Deus e cumprir a sua Santíssima Vontade.

O propósito delas – escreviam ao Senado de Gênova – era o de viverem juntas santamente, sem entrar nos mosteiros, mesmo vivendo no recolhimento, união entre elas, devoção e caridade, empenhando-se no ensino das jovens, ocupar outras na educação e ensino, e a catequese nos dias festivos (RISSO, 1989, p. 30-31).

Dedicando-se desde o início a educação da juventude, a missão era acolher, acompanhar, educar e formar. Nascia assim um novo método educativo, o mais individual possível. Procurava-se a formação da pessoa humana, para isso, cada mocinha era confiada a uma religiosa que com ela partilhava a vida e que respeitava o seu ritmo pessoal de desenvolvimento, sem programas determinados. Inácio de Loyola também recomendava aos seus de respeitarem a cada jovem, pois são filhos de Deus.

A escola tornava-se assim a nossa missão apostólica. Num clima familiar, as irmãs formavam a inteligência com a cultura e educavam o coração e a vontade, nada do que era humano parecia estranho, mas resplandecia a formação integral da pessoa, em todas as suas dimensões (RISSO, 1989).

A novidade deste tipo de educação estava no fato de que a finalidade educativa era a da formação integral, no desejo de educar e formar a personalidade através de vários meios. A educação, deste modo,

[...] não é fechada ao âmbito específico da escola, mas, visando à formação integral, estendia-se em modo permanente para toda a vida. A educadora, portanto, segue com amizade o desenvolvimento da vida extra-escolar pronta a encorajar, aconselhar e continuar a obra educativa (SILVA, 2004, p. 48).

O clima que se estabelecia era de família de modo que a irmã sabia de tudo da jovem que lhe era confiada e a acompanhava em qualquer dificuldade. Por meio do diálogo a irmã conseguia penetrar o coração e estimular a agir, mais por amor do que por constrangimento. Era um humanismo perfeito, coroado por Cristo, sendo que é Ele quem realmente sabe o que se passa no coração do homem (cf. Jo 2,25).

Apesar das dificuldades, nos séculos seguintes fomos abrindo novas escolas, outros centros de irradiação de luz. A preparação profissional fazia parte da missão desenvolvida pelas irmãs, pois era de suma importância valer-se daquilo que também os tempos traziam como meio para melhor servir e com mais eficiência a juventude e, agora também, a infância.

Sendo assim, a formação da juventude, em primeiro lugar, como parte integrante do nosso carisma de testemunhar Cristo Luz mediante a escolha das bem aventuranças evangélicas e na oferta através de um serviço de amor e acolhimento, tem sido um “serviço do qual nós recebemos o impulso para nos tornar cada vez mais ‘vida em oferta’ e a maneira para nos transformar em testemunhas críveis do amor de Cristo” (INSTITUTO DAS IRMÃS DA PURIFICAÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA, 1988).

Imagem 4: Grupo de internas em 1800



(Fonte: Arquivo da Casa Central das Irmãs da Purificação no Brasil)

Imagem 5: Grupo de crianças da escola materna de Asti, Itália



(Fonte: Arquivo da Casa Central das Irmãs da Purificação no Brasil)

Imagem 6: Grupo de internas em um passeio



(Fonte: Arquivo da Casa Central das Irmãs da Purificação no Brasil)

Imagem 7: Grupo de internas em 1936/1937



(Fonte: Arquivo da Casa Central das Irmãs da Purificação no Brasil)

III – REFLEXÕES SOBRE A ESPIRITUALIDADE NA FORMAÇÃO INTEGRAL DOS JOVENS: O QUE DIZEM OS SUJEITOS

“A verdadeira cultura tem três idiomas. Aquele da cabeça, que é o que algumas universidades hoje usam [...]; depois existe a língua do coração e, finalmente, o idioma das mãos, o do fazer. É muito urgente que aqueles que se ocupam da educação procurem harmonizar as três linguagens. ‘Pense naquilo que você sente e faz’; ‘Sinta aquilo em que você pensa e faz’; ‘Faça aquilo que você pensa e sente’.” (Papa Francisco)

Com o passar dos anos, a missão do Instituto das Irmãs da Purificação foi ganhando uma nova forma. Atentas aos sinais dos tempos, as Irmãs começaram a sair um pouco mais dos ambientes escolásticos para estarem em casas de inserção, junto ao povo, trabalhando nas pastorais e movimentos da Igreja. Esta nova modalidade de ser vida em oferta não as fez perder o que está no cerne da sua missão: o acolher, acompanhar, educar e formar a juventude.

Neste capítulo tratarei sobre as concepções das religiosas e dos jovens sobre o significado da espiritualidade e sobre a contribuição das ações desenvolvidas nas pastorais para a formação integral dos educandos. Para tanto, utilizei dois procedimentos metodológicos: a entrevista semiestruturada, realizada com quatro freiras e cinco jovens, e, para complementar a coleta de dados, realizei um "círculo de cultura" conforme a orientação da tradição freiriana da educação popular.

3.1 - O que dizem as irmãs sobre a espiritualidade na formação integral

Foram entrevistadas quatro Irmãs da Purificação com o objetivo de identificar, a partir de suas respostas, qual a importância dada à espiritualidade dentro da missão formativa desenvolvida pelo Instituto, como parte integrante do carisma de ser “Vida em Oferta”. Para

isso, dentro das realidades de missão que nos encontramos no Brasil², foram convidadas as irmãs que, atualmente, atuam de forma mais direta com a juventude.

As irmãs convidadas se chamam Ir. Maria de Nazaré, Ir. Maria José, Ir. Angelina e Ir. Ivanilda. As duas primeiras irmãs são de votos perpétuos³, tendo elas mais de 20 anos de comunidade, e as duas últimas são junioristas⁴, que estão há mais de cinco anos no convento. Das entrevistadas, as duas irmãs perpétuas são da comunidade de Fortaleza-CE enquanto Ir. Angelina pertence à comunidade de Limoeiro do Norte-RN e Ir. Ivanilda à comunidade de Apodi-RN.

3.1.1 – O que é espiritualidade

Nas entrevistas, foi perguntado para as irmãs o que elas entendem por espiritualidade. De suas respostas se pode colher uma compreensão bem concreta e que leva em consideração a integralidade da vida, na consciência de que espiritualidade não estaria ligada somente à imaterialidade, mas que também está ligado à vida e as suas relações (LA VITA, 2014). Neste sentido, Ir. Angelina coloca que “espiritualidade é viver segundo as moções do Espírito e assim viver por inteira em tudo aquilo que faço”, podendo também ser completado com o que diz Ir. Ivanilda, onde espiritualidade “é tudo aquilo que me liga a Deus e aos irmãos através de cada ação, atitudes e gestos”.

Ainda dentro dessa reflexão, as irmãs Maria José e Maria de Nazaré frisam a existência da espiritualidade como dimensão constituinte da integralidade do ser humano. Sobre isso, ao falar sobre formação integral, Yus (2002) ressalta que o espiritual também faz parte da globalidade do homem, assim como o intelectual, o emocional, o físico, o artístico e o criativo. “A espiritualidade é uma vida com qualidade que exige de todos nós uma vivência

²As Irmãs da Purificação chegaram ao Brasil no ano de 1971, a convite de alguns sacerdotes da diocese de Cagliari, Itália. Chegando aqui, exerceram suas atividades missionárias numa pequena vila no interior do Maranhão, chamada Bacuri. A partir daí o carisma foi se expandindo e foi visto a necessidade de abrirem novas casas (cf. RISSO, 1989). Atualmente, o Instituto conta com cinco comunidades no Brasil: duas casas, a Casa Central e a do Noviciado, em Fortaleza-CE, uma casa de formação e de missão em Limoeiro do Norte-CE, uma casa de missão em Apodi-RN e outra casa de missão em Natal-RN.

³Os votos perpétuos é a expressão máxima da oferta de si mesma de uma religiosa a Deus, amando-O acima de tudo. Confere a irmã uma incorporação definitiva ao Instituto, adquirindo assim os direitos e deveres da Família Religiosa (cf. INSTITUTO DAS IRMÃS DA PURIFICAÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA, 1988).

⁴Tempo que intercorre entre a primeira profissão (votos simples) e a profissão perpétua, é uma etapa preciosa em que a jovem dá continuidade a formação recebida no noviciado e se prepara para a profissão perpétua. (cf. INSTITUTO DAS IRMÃS DA PURIFICAÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA, 1988).

espiritual equilibrada, na qual possamos cuidar de todos os outros aspectos que nos compõem, sem deixarmos de lado nenhum deles” (Ir. Maria de Nazaré).

Outro aspecto apresentado por elas é o que Fiores e Goffi (1979) abordam como sendo uma dimensão da espiritualidade, que seria essa relação consciente entre o espírito do homem e o Transcendente, podendo partir, até mesmo, de uma realidade menos religiosa a uma união com um Deus pessoal.

A espiritualidade é quando reservamos um tempo para a nossa oração diária. A oração nos devolve a paz, nos coloca em contato com nossa própria alma e com Deus já presente nela. Silenciosamente, o Senhor vai transformando o nosso interior para que o exterior seja um reflexo daquilo que foi sendo cultivado nos tempos sagrados reservados para o nosso crescimento na fé, na esperança e no amor. É a experiência de Deus que trazemos gravada em nossa alma e que não fica isolada das outras experiências da vida, mas as potencializam. A espiritualidade é um jeito maduro de ser mais humano e divino. Quem encontrou em si mesmo o segredo do amor de Deus que em nós equilibra todos os aspectos da vida, fazendo com que não sejamos egoístas, mas levando também o outro para o caminho de Deus. (Ir. Maria de Nazaré)

No nosso caso, a espiritualidade cristã, é algo que nos transforma desde dentro e nos chama a uma mudança de vida que nos eleva em nossa liberdade. Compreendo assim que cultivar a espiritualidade significa compreender que não estamos sozinhos, que nossa vida tem um sentido, e que, se vivido, enobrece a nós mesmos e enriquece o outro. É entender que não somos resultado de um acaso, mas que somos fruto de um ser Supremo, de um amor maior. Que estamos nas mãos de um Deus amoroso que deseja estabelecer conosco uma relação pessoal, próxima, concreta e que se fez realidade palpável na Pessoa de Cristo, e que nos convida a comprometer nossa vida por meio do Amor, que deve nortear nossas decisões e nossos atos. (Ir. Maria José)

Dentro destas falas, pode-se colher ainda como ideia força, a espiritualidade como caminho de transformação pessoal. Sobre isso, Beto e Boff (2008) falam que espiritualidade é a transformação que a mística realiza no modo de olhar das pessoas, na forma de encarar e solucionar os problemas, é o misturar Deus em todas as coisas e em tudo ver o outro lado. Como diria Santo Inácio de Loyola, forte influenciador da espiritualidade das Irmãs da Purificação, “É ver Deus em tudo e em tudo ver Deus”.

Porém, outro aspecto da espiritualidade que não foi abordado por nenhuma das irmãs, é a relação que esta mesma faz com o meio ambiente, sendo esta questão uma realidade que atrai muito a juventude (SINODO DEI VESCOVO, 2018). Fioris e Goff (1979), bem como Matos (1996), ressaltam como sendo uma das linhas das dimensões emergentes da espiritualidade contemporânea esse compromisso no mundo e o cuidado com a ecologia. O Papa Francisco (2016), em sua carta encíclica *Laudato Si*, chama a atenção a este cuidado

com o meio ambiente e a criação como parte integrante também de uma espiritualidade cristã, convidando deste modo, não somente aos cristãos católicos, como coloca no início de sua carta, mas a todas as pessoas de bem, para uma conversão ecológica.

A grande riqueza da espiritualidade cristã, proveniente de vinte séculos de experiências pessoais e comunitárias, constitui uma magnífica contribuição a ser oferecida ao esforço de renovar a humanidade. Gostaria de propor aos cristãos algumas linhas de espiritualidade ecológica que surgem das convicções da nossa fé, porque o que o Evangelho nos ensina tem consequências no nosso modo de pensar, sentir e viver. Não é tanto uma questão de falar sobre ideias, mas acima de todas as motivações que derivam da espiritualidade para nutrir a paixão por cuidar do mundo. De fato, não será possível se engajar em grandes coisas apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anime, sem "algum motivo interior que impulse, motive, encoraje e dê sentido à ação pessoal e comunitária". Devemos reconhecer que nem sempre nós, os cristãos têm recolhido e feito para produzir as riquezas que Deus deu à Igreja, onde a espiritualidade não está separado de seu corpo, ou da natureza ou realidade deste mundo, mas vive com eles e neles, em comunhão com tudo o que nos rodeia. (FRANCISCO, 2018a, p. 164)

3.1.2 – A importância da espiritualidade na formação dos jovens

Também foi perguntado às irmãs, qual importância elas dão para a espiritualidade na formação da juventude. Todas elas vêem como dimensão importantíssima para que se obtenha uma formação integral. “De grandíssima importância, sem uma espiritualidade não podemos levar esses jovens a uma formação integral, fazendo com que eles percebam que sem Deus não podemos ir a nenhum lugar” (Ir. Maria de Nazaré).

De suas respostas, também nota-se a relação que fazem da espiritualidade como meio de descoberta e construção da identidade pessoal. Ir. Ivanilda acredita que a importância da espiritualidade na formação está por esta ser “a essência para dar sentido à vida do jovem, pois Deus leva o jovem a encontrar a sua verdadeira identidade como pessoa criada e amada”, recordando assim o que Santo Inácio coloca como sendo o princípio e fundamento da humanidade, “O homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor” (LOYOLA, 2015, p. 28). Ir. Angelina diz que a espiritualidade se torna importante por:

[...] conduzir a juventude nos caminhos de Deus por meio da identidade pessoal e da identidade cristã, e assim encontrar a verdadeira felicidade. Na Identidade pessoal, busco ajudar os jovens a alcançar escolhas de valores significativos e a se questionarem: “que sentido tem a minha vida? Em qual direção devo orientar a minha existência? Para quem e para qual coisa empenhar as minhas energias?”. Na identidade cristã, no buscar exprimir o ser e a vocação: Cristo em nós e nós em Cristo. Iniciado com o sacramento do batismo. O querer ser de Deus, buscar ser de Deus e ser de Deus!

Morais (2002) afirma que o mundo tem caminhado para um tempo de embrutecimento e de decadência de sentido e, tudo isso, é fruto de um empobrecimento espiritual do qual vem tirando das demais gerações o sentido de finalidade transcendental da vida. O mesmo autor ainda acrescenta que este caminho vem sendo oferecido, em seu modo mais nocivo, pela educação (MORAIS, 2002). Sendo assim, como coloca Ir. Maria José:

Cultivar a espiritualidade na formação da juventude é de fundamental importância porque traz presente ao jovem a realidade de que são membros ativos na diversidade do Corpo de Cristo que é a Igreja, onde, alimentando a fé, o amor e a esperança, a luz do Evangelho de Cristo, exercem e promovem valores como responsabilidade, respeito, tolerância, altruísmo... em uma sociedade onde por vários modos, propaga o contrário. Proporcionam com certeza, a construção de um mundo melhor. (Ir. Maria José)

E essa concepção da importância da espiritualidade como meio da consolidação de valores é uma das características da espiritualidade contemporânea e que parte de um conceito de espiritualidade não só cristã, mas antropológico, como opção fundamental e horizonte significativo da existência humana, como afirmam Fioris e Goffi (1979). “[...] essa é a prerrogativa das pessoas autênticas, que diante da realidade e da história têm feito uma escolha axiológica decisiva, fundamental e unificante” (FIORIS E GOFFI, 1979, p. 1525).

3.2 – O que dizem os jovens sobre as contribuições das Irmãs na consolidação da espiritualidade em sua formação

Na entrevista com os jovens, busquei colher deles o que eles vêem como contribuição em sua formação do trabalho realizado pelas irmãs. Para tal, foram escolhidos jovens que de alguma forma fizeram ou fazem parte dos trabalhos pastorais realizado pelas irmãs. Tive o cuidado de escolher jovens que tiveram contato com um número considerável de irmãs, de modo que eles pudessem fazer as suas comparações e análises. Alguns desses jovens são de Fortaleza-CE e outros de Natal-RN.

Iniciei a entrevista, conforme o roteiro (Apêndice A), perguntando-lhes os nomes, idades e escolaridade. Para a entrevista, sugeri que eles escolhessem nomes fictícios para si, no entanto, eles se recusaram, visto que se disponibilizaram com liberdade, alegria e gratuidade para a entrevista. Os jovens que participaram da entrevista são Tiago, Hayanne,

Hitalo, Josy e Anna Aline, eles tem entre 22 e 33 anos, onde Hitalo é o mais novo e Tiago o mais velho.

Os jovens Tiago, Hayanne e Anna Aline são da cidade de Natal-RN, todos são graduados, sendo que Tiago já tem pós-graduação na área em que se formou. Os jovens Hitalo e Josy, são da cidade de Fortaleza-CE e apenas Hitalo cursa o ensino superior. Eles ainda moram com a família, mas, com exceção de Anna Aline, todos já trabalham.

Todos eles conheceram as irmãs em suas cidades, em meio ao trabalho pastoral que as mesmas realizavam em suas comunidades. Alguns tiveram um contato um pouco mais recente, como é o caso da jovem Hayanne, que mesmo tendo as irmãs inseridas em sua comunidade há uns dois anos, veio ter uma aproximação e conhecê-las melhor recentemente, e outros que conheceram as irmãs desde a adolescência, com os seus doze ou treze anos, como é o caso dos jovens Hitalo e Josy.

3.2.1 – As experiências com as irmãs e seus aprendizados

Pedi para cada um que contasse alguma experiência vivida com as irmãs. O jovem Tiago ressaltou, primeiramente, um desejo que já havia nele, porém que, só depois, com o auxílio motivador das irmãs, conseguiu efetivar, que foi o pensar uma pastoral para os jovens que os levassem a ser “Igreja em saída”, conforme vem convidando o Papa Francisco desde o início de seu Pontificado⁵. Depois, ele falou da compreensão que passou a ter, com o convívio constante com as irmãs, a cerca das pessoas que se consagram a Deus por meio da vida religiosa consagrada. Isto recorda o que foi abordado no Sínodo dos Bispos deste ano quanto a abertura das estruturas para que as pessoas, principalmente os jovens, se aproximassem.

A vida privada de muitos padres, freiras, religiosos e bispos é, sem dúvida, sóbria e comprometida com o povo; mas é quase invisível para a maioria das pessoas, especialmente para os jovens. Muitos deles acham que nosso mundo eclesial é complexo de decifrar; eles são mantidos à distância dos papéis que desempenhamos e dos estereótipos que os acompanham. Vamos tornar nossa vida cotidiana, em todas as suas expressões, mais acessível. A proximidade efetiva, o compartilhamento de espaços e atividades criam as condições para uma comunicação autêntica, livre de preconceitos. (SINODO DEI VESCOVO, 2018, p. 33, tradução minha)

⁵Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de “saída”, que Deus quer provocar nos crentes. [...] Naquele “ide” de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova “saída” missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho. (FRANCISCO, 2013, p. 19-20)

Nesse mesmo sentido, a jovem Hayanne narrou uma experiência similar. A princípio, ela destacou uma experiência que teve comigo na pastoral da crisma, em um dos primeiros encontros de formação para os catequistas, e que lhe ajudou a ter um novo ânimo e a buscar o seu próprio caminho dentro dos planos de Deus, ou seja, a também se questionar quanto o sentido de sua vida. A partir dessa experiência é que ela foi criando uma aproximação das irmãs de tal forma que, agora, ela as sente como parte integrante de sua própria família, mantendo assim uma relação de troca mútua de vivências, experiências e crescimento pessoal.

O jovem Hitalo, conhecendo as irmãs por mais tempo, ressaltou a experiência do retiro que teve em 2016 de onde pode colher, mais uma vez, o carisma delas no estar com os jovens, servindo com alegria e simplicidade. Neste episódio, ele enfatiza também o acolhimento que as irmãs têm com os jovens, de modo que os levam a fazer a experiência concreta da possibilidade de felicidade. A outra experiência que ele partilhou foi a de uma confraternização de fim de ano onde ele pode aprender que o valor não está no *muito* que damos, mas no *como* damos: “Com o pouco também fazemos muito e que não é o que temos para dar ao outro, mas o que podemos ser com o outro”.

Ao ser interpelada a fazer memória, Josy disse de recordar vários momentos, mas que destacava o seu primeiro contato com as irmãs, quando tinha apenas 12 anos, em uma formação sobre autoestima e o período em que morou junto com elas. Dessas experiências pode-se notar a contribuição das irmãs em seu processo pessoal de acolhimento nas suas relações, quer seja consigo mesma quer seja com sua família. “Em um mundo fragmentado que produz dispersão e multiplica associações, os jovens precisam ser ajudados a unificar a vida, a ler profundamente as experiências diárias e a discernir” (SINODO DEI VESCOVO, 2018, p. 35, tradução minha).

[...] o modo como me ajudaram a ver minha história de vida, transformou positivamente a minha relação com minha mãe e com toda a minha família e, conseqüentemente, eu passei a relacionar-me melhor comigo mesma e com os outros. [...] Eu cresci como cristã católica que sou e cresci muito como ser humano. Como elas me conduziram a trabalhar o meu humano! Hoje percebo muito bem minhas imperfeições, mas carrego em mim a certeza do quanto cresci e me afirmei como pessoa. Me conduziram ao melhor de mim, sem anular os meus limites e superando-os sempre que precisasse. Fiz uma bela viagem para dentro de mim, às vezes dolorida, mas que me conduziram ao belo que em há mim e que eu não sabia que existia. (Josy)

Para Anna, a experiência do primeiro retiro da pastoral ao qual faz parte e a presença das irmãs em sua comunidade paroquial foram as realidades que ela ressaltou como significativas. Estas duas experiências a marcaram pela partilha do carinho, da alegria, da preocupação e do amor.

3.2.2 – A contribuição das irmãs

Todos os entrevistados disseram que foi muito positivo a contribuição das irmãs em suas formações, atribuindo não somente a dimensão espiritual. Como diz o jovem Tiago: “Com a presença delas na vida da nossa comunidade, temos a oportunidade de sair da reflexão homilética dos ambões, para viver, em várias dimensões, o Evangelho na prática”.

Ainda nessa perspectiva, a jovem Hayanne diz que:

Com vocês passei a querer entender mais a fé que professamos. Eu já tinha essa vontade implantada, mas ainda não tinha iniciado. Passei a entender como é o mecanismo da minha Igreja, não só na comunidade, mas de toda a arquidiocese. Me senti pressionada a não desistir. Me senti na necessidade de ser uma pessoa melhor mesmo diante de trilhões de defeitos meus. E vocês me fazem lembrar das escolhas que fizeram para a vida e do quanto se dispõem a exercê-las da melhor forma possível. Tento aplicar isso na minha vida.

Como Dewey (1978, p. 31) defende, educação é vida, e não uma preparação para esta, “o hábito de aprender diretamente da própria vida, e fazer com que as condições da vida sejam tais que todos aprendam no processo de viver, é o produto mais rico que pode a escola alcançar”. Nesse sentido, Hitalo coloca que as irmãs foram uma peça chave na construção da sua identidade como pessoa, como um jovem cristão.

Eu não só escutei teorias, eu as vivi na prática, testemunhei de perto. E cada experiência, até as mais difíceis na vida pessoal, foi vivida de maneira diferente, pela formação profunda que tive com as Irmãs da Purificação, não só na vida cristã, mas também para a vida na sociedade.

O Papa Francisco (2018b), em uma entrevista, coloca que os adolescentes têm um grande anseio por aprender para que, deste modo, possam encontrar uma saída e alcançar a autonomia que desejam, neste percurso, o papel do adulto deve ser de mostrar o caminho com o seu comportamento e não pretender somente ensinar com palavras. Risso (1989) afirma que,

desde o início de sua missão, as irmãs buscavam de ensinar primeiramente com a vida do que com as palavras.

Elas contribuíram na minha formação diretamente, posso dizer que o que eu sou como ser humano devo em maior parte a elas, mas não devo porque sei que tudo foi por amor. Hoje eu sei e consigo expressar meus sentimentos e minha afetividade sem medo de me magoar, pois aprendi das irmãs e com as irmãs a não criar expectativas nas coisas e nas pessoas, vou sabendo que tem riscos e o maior deles é ser retribuída, é amor. Aprendi a fazer o que eu tinha mais medo, a entrar em mim e fazer dos meus “cacos” um belo mosaico. Aprendi, sobretudo, que fazer mosaico é lindo, trabalhoso e que às vezes machuca, pois algumas peças podem ser bem finas e cortantes, mas é sempre belo ver o resultado, por isso não desisto de viajar para dentro [de mim] sempre que é preciso. Eu também aprendi com elas coisas como português, economia, culinária, artes manuais, geografia, história, reciclagem e até italiano. Aprendi a aprender sobre mim mesma. Então eu vejo que contribuição das irmãs na minha formação é como “uma coluna forte e robusta” (Josy)

3.2.3 – Sugestões dos jovens para aprimorar o trabalho das irmãs

Quando foi proposto dos jovens sugerirem meios para que a missão educativo-formativa das irmãs pudesse ser aprimorada, dois se destacaram pela proposta que foi de encontro àquilo que foi discutido pelos bispos reunidos no Sínodo:

O ambiente digital é um desafio para a Igreja em muitos níveis; portanto, é essencial aprofundar o conhecimento de sua dinâmica e seu alcance do ponto de vista antropológico e ético. Requer não apenas habitá-lo e promover seu potencial comunicativo em vista do anúncio cristão, mas também imbuir suas culturas e suas dinâmicas com o Evangelho. [...] O Sínodo espera que na Igreja se estabeleçam escritórios ou órgãos apropriados para a cultura digital e a evangelização em níveis apropriados, que, com a contribuição indispensável dos jovens, promovam a ação e reflexão eclesial neste ambiente. Entre suas funções, além de promover o intercâmbio e disseminação de boas práticas em nível pessoal e comunitário, e desenvolver ferramentas adequadas para educação e evangelização digital (SINODO DEI VESCOVO, 2018, p. 36, tradução minha)

Desde o Concílio Ecumênico Vaticano II, a Igreja propõe a vida religiosa consagrada de ser presença no mundo da comunicação social adquirindo o conhecimento necessário para falar ao homem de hoje em modo eficaz sobre Cristo e sua proposta de vida nova (JOÃO PAULO II, 2009). Como sugerem, respectivamente, os jovens Tiago e Josy: “Considerando o carisma próximo à juventude, entendo que falta à Congregação um apelo maior nas redes sociais, local propício de encontrar os jovens dos tempos de hoje”; “As Irmãs da Purificação sempre souberam atender os sinais do tempo que vivem sem perder o foco do que são, que elas se insiram mais no ‘mundo virtual’, tem uma nação de jovens que precisam conhecer a luz que elas nos trazem”.

3.3 – A experiência do círculo de cultura

Para o procedimento do círculo de cultura, participaram também cinco jovens: Fernanda, mais conhecida como Preta, Hayanne, Daniele, Gigliato e Maiara. Todos eles são da cidade de Natal-RN, sendo que Gigliato veio de uma cidade do interior do Rio Grande do Norte para estudar, no entanto, quando ainda cursava engenharia abandonou a faculdade para dedicar-se ao trabalho da confeitaria. Os outros jovens também trabalham e já possuem uma graduação.

Quando levado essa temática da espiritualidade para o círculo de cultura com os jovens, eles se mostraram, a princípio, um pouco tímidos e confusos. Para auxiliá-los e para que ficassem mais à vontade, iniciei explicando no que consistia o procedimento, apresentando um pouco da proposta de Paulo Freire (1999) ao aplicar os círculos de cultura na educação de jovens e adultos e, em seguida, a pedido também deles, falei um pouco do objetivo da minha pesquisa.

Com isso, demos início às discussões. Foram usados como recursos, além do tema gerador “espiritualidade”, imagens das quais os jovens podiam partir delas para expressarem o seu entendimento sobre a temática. Eram imagens variadas, algumas relacionadas a crenças religiosas, mas, em sua maioria, imagens que se ligavam as realidades do dia-a-dia.

No início notou-se que eles não tinham um pensamento estruturado quanto o que seria espiritualidade, tanto que ligaram diretamente com a religião. Em contrapartida, também pode-se perceber uma preocupação por parte deles em discutir esse tema dentro da educação, principalmente pela ligação que fizeram entre o objetivo da pesquisa e o meu curso.

Relatando as experiências escolares, os jovens abordaram como as instituições de ensino onde estudaram buscaram dar mais um direcionamento religioso, de uma determinada religião em detrimento de outras, do que formar uma espiritualidade. Se mostraram críticos em defesa de uma escola laica, por mais que todos eles sejam católicos, mas também sabendo distinguir essa exigência quando se fala em relação a uma escola confessional.

Se você for de qualquer outra religião vai se sentir um pouquinho ofendido, incomodado. Mas é diferente de você implantar uma religião... Eu fui para escolas que me implantaram religião, para mim foi muito cômodo porque eu nasci com os meus pais na Igreja, mas se eu fosse do candomblé, do espiritismo ou tal, eu ia ficar um pouco assim. Eu acho que espiritualidade não entraria em mim por causa disso, ia me causar uma aversão, porque não é algo que compactua comigo. (Hayanne)

No decorrer do círculo, eles começaram a construir o conceito de espiritualidade na formação como um educar para ser um cidadão de bem. “Espiritualidade não está ligado diretamente a religião, isso é lógico, porque senão só uma religião teria espiritualidade, mas todas têm. [...] Mas está ligado a ter um Ser Superior, pode se dizer assim? Ou a ser uma pessoa boa?” (Fernanda).

Puxando um pouco de Preta. Nessa imagem tem uma pessoa sofrida e outras abraçando. Foi nem na parte do sofrimento, mas na parte do apoio. Pessoas dando apoio, ajudando um outro. Acho que educação e espiritualidade é isso. Como eu tinha pensado em uma parte mais educacional e eu não concordo em implantar religiosidade dentro da escola, eu acho interessante ser implantada boas ações, de você saber o que é certo e correto, geral, mas não algo polêmico, tipo aborto, tem religião que vai defender outra que não, mas você não pode chegar num colégio e dizer que aborto é certo ou errado. Baseado em quê? Aí você vai entrar no sentido de quê? De você praticar coisas boas, de você criar um cidadão do bem. Mas foi mais nesse sentido, que a escola crie um ambiente, ou qualquer outro canto, crie um ambiente de crescimento pessoal que seja voltado para o bem e que você crescesse uma boa pessoa. Que em qualquer religião que você for é isso, se tornar uma boa pessoa. (Hayanne)

Imagem 8: Pessoas consolando, foto escolhida pela jovem Hayanne



Fonte: <http://mocidadeaguaia.blogspot.com/>

Em seus estudos, Yus (2002) dimensiona a espiritualidade à busca da comunhão com o Transcendente ou com aquilo que conecta a pessoa ao cosmo. Aprofundando um pouco mais essa temática, e que abraça esse pensamento dos jovens quanto a espiritualidade formar um cidadão de bem, Matos (1996) pontua como aspectos importantes a serem trabalhados, a partir da espiritualidade, a solidariedade, a luta não-violenta pela paz, a ecologia, o ecumenismo e a libertação integral.

Que espiritualidade não está ligada a religião, fato, já peguei esse círculo. Mas eu ainda estou ainda muito ligada no conceito que está ligada a uma crença, numa entidade, num ser superior que você acredita. E que você tem várias formas de representar. Na escola está difícil, por mais laico ou não, *fake* ou não. Tínhamos um direcionamento para ser um “cidadão de bem”. (Fernanda)

Ao abordarem esses aspectos, os jovens também entraram na discussão do papel importante que não só a escola, mas que a família exerce na construção da espiritualidade em suas vidas.

No meu ensino fundamental eu me lembro de ter estudado religião, e eu vi budismo, xintoísmo. Isso para mim era bacana. A escola não era religiosa, mas a minha educação religiosa eu peguei muito da minha avó. É por isso que eu friso muito isso, a base familiar está se perdendo de um jeito impressionante. Por isso que eu escolhi essa foto aqui, porque acho fundamental, essas reuniões. (Gigliato)

Imagem 9: Amigos conversando, foto escolhida pelo jovem Gigliato



Fonte: <https://www.hpssociety.info/news/eating-outside-food.html>

Acho que a espiritualidade, mesmo fora, a gente não vai conseguir que ela esteja dentro da escola, até mais porque eu também defendo uma escola laica, aqui nós temos cinco jovens que conseguiram, através dentro de suas famílias. Apesar de termos vindos de escolas diferentes, a gente consegue perceber que não adquirimos isso 100% da escola, a gente adquiriu muito por parte da nossa família, fato. (Fernanda)

Dewey (1978) ressalta o quão importante se torna para uma pessoa a educação recebida antes de ir para a escola, as recebidas fora da escola no período em que se frequenta a mesma e a que se recebe depois de sair, muito mais, até mesmo, do que as fornecidas nos curtos ou longos anos escolares. A educação como caminho de espiritualidade não se restringe somente a escola e seu currículo oculto, mas é tarefa também, da família, do lar, das igrejas e associações religiosas, dos locais de trabalho e dos clubes recreativos, pois, se assim não for, continuaremos “condenados a esse apodrecimento da sociedade e a olhar com tristeza para as brutalidades que arrebatam em nosso tempo” (MORAIS, 2002, p. 45).

Como foi colocado pelos jovens, “Acho que todo jovem deve ter contato com alguma espiritualidade, em algum momento da sua vida, é importante [...] porque dá outra visão” (Fernanda), “Que crie gente” (Hayanne).

Esse nosso momento pede um redirecionamento da transcendência condizente com os novos tempos; uma espiritualidade muito mais aberta e, por conseguinte, menos preconceituosa; mas uma espiritualidade dotada de coerência, sem vícios excessivamente ecletistas, pronta para conviver de boa vontade com as diferenças. O caminho para isso é a educação, mais uma vez lembrando-nos de que a educação é tarefa de *toda* a sociedade (MORAIS, 2002, p. 44, grifo do autor).

O círculo de cultura foi concluído com o sentimento de que o assunto ainda não estava dado por encerrado, pois na medida em que iam apresentando as suas considerações surgiam-lhes novas indagações e pensamentos, visto que este tema da espiritualidade é muito amplo. Fernanda contribui para o encerramento com uma breve síntese partindo do que foi discutido entre eles: “Eu acho que a gente fez essa construção de espiritualidade juntando essas três coisas: ética, moral e religioso. Mas eu não faço a mínima ideia se é isso ou não é. Se fossemos resumir seria isso o que a gente entende por uma pessoa espiritualizada”. E somado a isso, Daniele acrescentou:

Mas eu acho que ainda está muito ligado no você acreditar no espiritual mesmo, que a vida não fica só aqui, mas que transcende isso. Seja ligado a religião ou não. E isso ajuda não só na questão de você ter ética e moral. Mas a pessoa que é espiritualizada ela passa por uma situação difícil, mais fácil. Acho que a espiritualidade também está no como você encara os problemas, não só o outro. Como somos católicos, a gente sempre liga a relação com Deus, mas existe gente que é espiritual, mas não acredita em Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oh, Madre Ângela Maria Sordi, / que foste escolhida por Deus para dar vida a nossa família religiosa, / roga por nós, tuas filhas, afim de que, / haurindo do Mistério da Apresentação do Senhor e da Purificação de Maria:

- possamos permanecer fiéis ao espírito das origens;
- iluminar a oferta da nossa vida ao Pai;
- por em pratica a escolha das Bem-Aventuranças evangélicas para testemunhar o Cristo;
- transformar o mundo para oferecê-lo a Deus através do serviço do amor e do acolhimento aos jovens;
- tornar serena e unânime a nossa vivencia comunitária criando assim as condições necessárias para a escolha da vida religiosa. Amém. (Oração a Fundadora Madre Ângela)

No decorrer deste estudo pude observar o quão importante é a espiritualidade dentro da formação integral, tendo, deste modo, um valor equivalente as demais dimensões da pessoa humana. Ela desempenha o papel de colocar-nos em relação com o Transcendente, mas não só, pois também faz parte da espiritualidade as relações que estabelecemos com o próximo e o meio ambiente. Numa perspectiva cristã, revela o Mistério da Cruz em nossas vidas: na haste vertical, num movimento de subida, a nossa relação com Deus, mas também com a criação, quando realizado o movimento oposto, e na haste horizontal a nossa relação com o outro.

Esta importância também é percebida pelos jovens que veem na espiritualidade um valor basilar, auxiliando-os numa vivência social mais ética, moral e mais humanizada. Eles percebem a importância na mesma medida em que não atribuem a formação nesta dimensão apenas à escola, sendo que neste ambiente eles sentem como um espaço ainda muito difícil de se pensar a formação nesta dimensão sem que acabe por se tornar uma doutrinação ou uma implantação de uma determinada religião. Neste sentido, eles destacam como ambientes que os auxilia na formação desta dimensão, para que atinjam desta forma uma formação integral, a família e a religião.

Sabendo disso e sendo a Igreja o atual campo missionário onde nós, Irmãs da Purificação, estamos atuando, desenvolvemos este trabalho de formação integral, com uma atenção particular a espiritualidade, por meio dos trabalhos pastorais de acolhimento, acompanhamento, escuta, educação e formação dos jovens, seja nos grupos de jovens como na catequese. Nesta missão, buscamos auxiliar os jovens a desenvolver valores que lhes

servirão para toda a vida e para todas as ocasiões em que se encontram, além de também os levar a refletir sobre o valor de suas vidas e o para quê e para quem a estão empenhando.

Desta forma, escrever sobre esta temática foi muito significativo para mim, uma vez que me fez aprofundar na missão contida no carisma de ser “Vida em Oferta”. Como religiosa consagrada, me auxiliou a nutrir um amor ainda maior pela minha família religiosa, além de me fazer perceber as contribuições não só espirituais, mas também pessoais e sociais, que o trabalho que viemos desenvolvendo por mais de três séculos proporcionou a muitas pessoas.

Como pedagoga, me fez ter um olhar ainda mais unificado sobre a educação, me fazendo perceber o quanto mais difícil é de dissociá-la da vida. Me fez perceber o quanto uma educação que busca promover o desenvolvimento integral do ser humano é bela e capaz de transformar toda uma sociedade. Este trabalho me fez acreditar ainda mais no valor, na importância e no poder transformador da educação.

Com isso, percebo o quanto ainda existem lacunas no curso de pedagogia. Por mais que se escute um discurso de unificação dos saberes, percebe-se dentro da formação docente uma educação fragmentada, e dimensões como a espiritual, criativa e emocional presentes, em sua maior parte, no currículo oculta da instituição, não recebem as suas devidas atenções, salvos os casos pontuais existentes no decorrer do curso. Desta forma, é notório a reprodução de belos discursos que na prática acontecem de outra forma, onde a educação e os ensinamentos aparecem dissociados da vida.

Hoje tem-se no curso uma disciplina que discute a temática aqui apresentada, no entanto, no entanto, não se torna o suficiente quebrar uma compreensão equivocada entre laicismo e espiritualidade, presente até mesmo nos discursos dos jovens que pude escutar durante a pesquisa e que somente buscaram nomear aquilo que vivenciaram nas escolas. Precisa um olhar ainda mais integral da pessoa humana na formação do pedagogo, por mais que ainda saiba que nunca chegaremos ao perfil ideal deste profissional, visto que sua atuação vai para além da sala de aula.

É por isso, que durante a pesquisa, me surgiram ainda novos questionamentos. Quais meios e quais estratégias se poderia realizar para formar o pedagogo para esta formação integral tão necessária e urgente nos tempos atuais? Quais ações poderiam ser realizadas entre as instituições basilares na formação da juventude (família, escola e religião) de modo que potencializasse a formação integral dos mesmos? Como nós irmãs, diante dos desafios atuais,

poderíamos desenvolver a missão de modo que o bem que fazemos a juventude também chegasse àqueles jovens que não mantêm nenhum vínculo com a Igreja? E diante do apelo dos jovens, de uma atuação também no mundo virtual, como desenvolver o trabalho missionário de ser “Vida em Oferta” no acolher, acompanhar, educar e formar nas mídias sociais?

Espero que este trabalho contribua para aprofundar e motivar mais pessoas a pesquisar sobre esta temática ainda tão pouco discutida. Que as contribuições dadas, principalmente, pelos jovens e pelas irmãs possam nos fazer refletir e considerar como aspectos a também serem repensados na formação do pedagogo.

REFERÊNCIAS

- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- DEWEY, John. **Vida e Educação**. Tradução e estudo preliminar por Anísio Teixeira. 11 ed. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.
- FARRIS, G. **Impegno religioso e sociale nel 1600 e le Suore della Purificazione di M. SS.** Savona: s. i. (Arquivo do Instituto), 1972.
- FIORES, Stefano De; GOFFI, Tullo. **Nuovo dizionario di spiritualità**. Roma: Paoline, 1979.
- FRANCISCO. **Carta encíclica *Laudato Si***: sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf>. Acesso em: 25 de novembro de 2018a.
- FRANCISCO. **Deus é jovem: uma conversa com Thomas Leoncini**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018b.
- FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- INSTITUTO DAS IRMÃS DA PURIFICAÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA. **Constituições**. Savona: Norgraf, 1988.
- JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pós-sinodal *Vita Consacrata***. 6 ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- LAVITA spirituale, Padre M. I. Rupniksj (1). S.i.: You Tube, 2014. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DIZVZb0U_0M>. Acesso em: 19 de novembro de 2017.
- LOYOLA, Inácio. **Exercícios Espirituais**. 14 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- MATOS, H. C. J. **Curso de espiritualidade cristã para leigos**. Belo Horizonte: O Lutador, 1996.
- MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 33ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

MORAIS, Regis de. **Espiritualidade e educação**. Campinas: Centro Espírita “Allan Kardec” – Dep. Editorial, 2002.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MUSCAS, Marcella. **L'opera educativa e scolastica delle Suore della Purificazione a Cagliari**. 2009. 134 f. TCC (Graduazione) - Corso de Laurea in Pedagogia, Facoltà di Scienze della Formazione, Università Degli Studi di Cagliari, Cagliari, 2009.

RISSO, Paulo. **Angela Maria Sordi**: fundadora das Irmãs da Purificação. Gênova: Edisigma, 1989.

SILVA, Luciana Maria dos Santos. **A espiritualidade da Madre Ângela como Missão Educativo-Evangelizadora no Decorrer da Historia**. 2004. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Graduação em Ciências da Religião, Universidade Estadual Vale do Acaraù, Fortaleza, 2004.

SINODO DEI VESCOVO. **Il giovani, la fede e il discernimento vocazionale**: Documento finale. Disponível em: <<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/10/27/0789/01722.pdf>>. Acesso em: 25 de novembro de 2018.

SPIDLÍK, Tomás. **Orar no coração**: iniciação à oração. São Paulo: Paulinas, 2005. (Água Viva).

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

YUS, Rafael. **Educação integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.

APÊNDICE A

Roteiro da entrevista com os jovens

Nome (Nome fictício)

Idade

Escolaridade

Como e quando você conheceu as irmãs?

Narre duas experiências significativas vividas com as irmãs, destacando o que você aprendeu com essas experiências.

Como você vê a contribuição das irmãs na sua formação?

Quais sugestões você daria para aprimorar o trabalho das irmãs?

Roteiro da entrevista com as irmãs

Nome

Idade

Há quantos anos está e qual missão desenvolve dentro da comunidade?

No ser vida em oferta, como você desenvolve a missão formativa dos jovens?

Para você o que é espiritualidade?

Qual importância você dá para a espiritualidade dentro da formação da juventude?

APÊNDICE B

ENTREVISTA COM O JOVEM TIAGO CORTEZ

Idade: 33 anos.

Escolaridade: Pós-graduado.

Como e quando você conheceu as irmãs?

Conheci as Irmãs da Purificação de Maria Santíssima logo após retornar da Jornada Mundial da Juventude, no mês de agosto de 2016. Naquela ocasião, na sacristia da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, tive a grata notícia de que estariam conosco em uma bela missão de suporte à Casa do Divino Mestre e de evangelização da juventude.

Narre duas experiências significativas vividas com as irmãs, destacando o que você aprendeu com essas experiências.

Primeiramente, o verdadeiro sentido do apelo do Papa Francisco de sermos uma “Igreja em saída”. Destaco, neste caso, o espírito motivador que as irmãs injetaram em mim para que a proposta da Pastoral da Juventude Missionária (PJM) fosse efetivamente pensada, elaborada e implantada. Ainda que tenhamos apenas 02 (dois) anos de pastoral, posso dizer que já temos frutos riquíssimos decorrentes deste trabalho.

Depois, com o convívio constante, passei a compreender melhor a dimensão da vida daqueles que consagraram a sua existência. Até então, as minhas referências eram limitadas. Com a vinda das Irmãs da Purificação, passei a entender mais sobre essa bela resposta livre ao chamamento particular de Cristo.

Como você vê a contribuição das irmãs na sua formação?

Vejo de forma positiva, a partir do momento que as Irmãs são testemunhas vivas do chamado que Deus faz a cada um de nós. Com a presença delas na vida da nossa comunidade, temos a oportunidade de sair da reflexão homilética dos ambões, para viver, em várias dimensões, o Evangelho na prática.

Quais sugestões você daria para aprimorar o trabalho das irmãs?

Considerando o carisma próximo à juventude, entendo que falta à Congregação um apelo maior nas redes sociais, local propício de encontrar os jovens dos tempos de hoje.

APÊNDICE C

ENTREVISTA COM A JOVEM HAYANNE CAVALCANTE

Idade: 28 anos

Escolaridade: Graduada

Como e quando você conheceu as irmãs?

Ti conheci no dia em que a Irmã Sandra estava anunciando ida dela à Itália, numa reunião de Crisma, depois da mesma ter convocado quase metade da PJM para a Crisma, no início do ano.

Por consequência me aproximei bastante e assim acabei conhecendo a Irmã Iomar, que por mais que já estivesse aqui em Natal com a Irmã Sandra, ainda não tinha tido a oportunidade de aproximação. Depois disso é que passei a ter com vocês uma relação mais próxima e de aprendizado e formação.

Narre duas experiências significativas vividas com as irmãs, destacando o que você aprendeu com essas experiências.

A primeira experiência e a que mais me chamou atenção foi justamente quando te conheci. Eu ti conheci e tu ainda não me conhecia.

Quando a Irmã Sandra anunciou sua ida para a Itália, inicialmente tinha ficado chateada pelo fato de eu ter voltado para a Crisma pelo seu chamado e na mesma semana anunciar que nem ia ficar por lá, mas as providências de Deus só entendemos depois. No caso, entendi 15 minutos depois. Não só para mim, mas para o que aquela Pastoral estava desejando e precisando há muito tempo.

Ao te apresentarem como “substituta”, olhei aquela “menina” com sentimento de acolhimento, mas ao abrir a boca, meus olhos se transformaram. Uma pessoa viva de Deus, de sede, que falava de Deus com um amor e paixão, que não tem como a pessoa não querer correr atrás para ter esse mesmo sentimento. Tinha objetivos e pensamentos pra Crisma como nunca tinha visto na vida e definitivamente era o que a pastoral estava precisando para reavivar no coração dos futuros crismandos o orgulho de confirmar sua fé em Cristo.

Tu começaste a falar do que pensava em fazer, o objetivo, tudo com uma sequência lógica impressionante e com reflexões que eu não imaginava naquela época. Foi o que eu estava precisando, no momento certo, na hora certa, para ver sentido de onde estava e por quê estava lá. Ou seja, com sua juventude e amadurecimento em fé me inspirou a procurar o meu caminho em Deus.

Tu falavas e minha vontade de aprender mais aumentava, minha vontade de servir aumentava, e ao mesmo tempo a cobrança comigo mesma de que uma jovem com 21 anos [tinha 22 no período] tinha essa certeza e eu ainda procurando meu espaço no mundo?!

Para a Crisma, Deus a trouxe pelo avivamento, e para mim, uma Irmã de alma.

A segunda experiência é como vocês preencheram um espaço que nem sabíamos que estava precisando ser preenchido. Espaço na minha família, de irmã mais nova e irmã mais velha, conscientes das suas condições e necessidades, mas antes de tudo uma relação de troca mútua de vivência, experiência, amadurecimento e melhora pessoal.

Como você vê a contribuição das irmãs na sua formação?

Com vocês passei a querer entender mais a fé que professamos. Eu já tinha essa vontade implantada, mas ainda não tinha iniciado. Passei a entender como é o mecanismo da minha Igreja, não só na comunidade, mas de toda a arquidiocese. Me senti pressionada a não desistir. Me senti na necessidade de ser uma pessoa melhor mesmo diante de trilhões de defeitos meus.

E vocês me fazem lembrar das escolhas que fizeram para a vida e do quanto se dispõe a exercê-las da melhor forma possível. Tento aplicar isso na minha vida.

Com a Irmã Iomar passei a ver que a calma é necessária para todos os momentos, inclusive os mais complicados. Que tudo tende a ser mais brando quando se sabe que Deus está sempre conosco. Não existe agonia e pressa, tudo dá certo. Ela com sua calma, convicta de suas escolhas e de seu serviço me ajuda a não botar tanto peso em certas coisas da minha vida.

Quais sugestões você daria para aprimorar o trabalho das irmãs?

Como não entendo completamente o que significa o termo “obediência” em relação ao carisma que escolheram, eu sugeriria não dizer “sim” para tudo. Vocês dão por que tem,

mas às vezes, para que um serviço seja feito completo, de alma e de corpo, o corpo precisa estar saudável para a mente funcionar. E isso, de abraçar o mundo por que outras pessoas “entopem-as” de serviço, não sei se poderia ser considerado algo saudável. Às vezes o corpo está presente, mas a mente tem que pensar em “trocentas” outras atividades necessárias a serem executadas, e ao passar do tempo, quando vão vendo que vocês dão conta, a tendência é aumentar!

Minha preocupação é apenas essa. Mas caso seu carisma exija isso, cabe a mim apenas oração para que se mantenham firme nessa caminhada de total abandono de si mesmo em prol do serviço.

APÊNDICE D

ENTREVISTA COM O JOVEM HITALO TARGINO

Idade: 22 anos

Escolaridade: *Publicidade e Propaganda (8º semestre)*

Como e quando você conheceu as irmãs?

Conheci as Irmãs da Purificação através de um grupo de jovens fundado por elas no bairro que eu moro, o grupo era o JUFRAMA (Juventude Fraterna Mariana) e o ano era 2009. Na época, as irmãs tomavam a frente dos eventos realizados pela juventude na paróquia que participo.

Narre duas experiências significativas vividas com as irmãs, destacando o que você aprendeu com essas experiências.

A primeira experiência que posso narrar com as irmãs foi em um dos muitos retiros que elas estavam presentes. Mas um, em 2016, foi muito importante, pois, devido elas estarem morando em outro bairro e as irmãs que fundaram o grupo estarem morando em outros países, acabamos perdendo o contato com as irmãs mais novas. Mas nesse ano a coordenação do grupo foi atrás e a levamos para servir conosco novamente. E ali, mais uma vez, pude comprovar que está no carisma dessa congregação o servir ao outro com alegria e simplicidade. Pude contemplar a dedicação que elas têm com os jovens, a eficácia que tem o acolhimento com eles e em fazer tudo sem esperar nada em troca, além de levar aos jovens uma experiência concreta do que de fato é ser feliz. E isso é uma verdadeira pregação para o mundo inteiro.

A questão do servir delas é bem explícito e acredito que todos que falem, passem por essa doação de vida delas. Outra situação e, também mais recente, foi uma confraternização de final de ano. A fraternidade também é algo nítido nas irmãs e, algo bem característico da congregação em si, é tornar o pouco em muito. Isso ficou forte para mim quando cada convidado levou uma lembrancinha simbólica para fazer um amigo secreto e foi feita uma dinâmica para interagirmos uns com os outros. Não eram presentes caros, eram coisas simples, mas o momento foi tão envolvente que todos os presentes passaram a ser valiosos pelo significado do momento. E isso elas sempre nos ensinaram, com pouco também fazemos muito e que não é o que temos para dar ao outro, mas o que podemos ser com o outro.

Como você vê a contribuição das irmãs na sua formação?

Foi o ponta-pé inicial da minha formação como jovem, como cristão para me tornar na pessoa que sou hoje. Vejo que foram peças fundamentais para que hoje eu tivesse a mentalidade que tenho, do meu ser fraterno, do meu serviço que passa pelo serviço delas e por tudo aquilo que me ensinaram. Eu não só escutei teorias, eu as vivi na prática, testemunhei de perto. E cada experiência, até as mais difíceis na vida pessoal, foi vivida de maneira diferente, pela formação profunda que tive com as Irmãs da Purificação, não só na vida cristã, mas também para a vida na sociedade. Com elas aprendi a acreditar em mim, a acreditar no jovem e isso me lembra muito a Dom Bosco que fala: “Não basta dizer aos jovens que eles são amados, é preciso que eles saibam que são amados”. Elas não só dizem, mas nos fazem viver desse amor.

Quais sugestões você daria para aprimorar o trabalho das irmãs?

Eu, particularmente, não tenho muito que sugerir. Acho que a sugestão que eu daria era de ter mais casas das irmãs pela cidade, mas tenho consciência que não é uma questão de querer, pois elas amariam, é todo um aparato para que isso aconteça. Mas essa é a minha única sugestão.

APÊNDICE E

ENTREVISTA COM A JOVEM JOSY SILVA

Idade: 27 anos

Escolaridade: *Ensino Básico completo*

Como e quando você conheceu as irmãs?

Eu conheci as Irmãs da Purificação quando eu tinha 12 anos, num encontro de coroinha na minha cidade, Quixeré-CE. Era um encontro sobre Autoestima, na ocasião era a Irmã Deuzinete que estava falando sobre o tema a convite do diácono da nossa paróquia, que já as conheciam. O encontro foi muito dinâmico e a irmã era muito legal. Depois fui conhecendo outras irmãs e, em vários outros encontros, me apaixonando ainda mais pelo modo como elas olhavam para nós, o cuidado, a atenção, a dedicação, como nos ensinavam a vida, o amor, Deus; e como tudo isso nos fazia e faz crescer enquanto pessoa e pessoa amada.

Narre duas experiências significativas vividas com as irmãs, destacando o que você aprendeu com essas experiências.

Das muitas experiências que vivi com as irmãs da purificação, posso destacar a primeira vez, aos 12 anos. Eu tinha entrado na adolescência, com todo aquele turbilhão de euforia e tristeza misturado. Aquele encontro sobre Autoestima e o modo como a Irmã Deusinete nos olhava, com amor e com Deus, me tocou particularmente. Hoje, aos 27 anos, me recordo com saudoso carinho daquele dia.

Aos 20 anos quando, depois de um encontro humano-afetivo sobre sexualidade e afetividade, também com a irmã Deuzinete, eu senti que queria ser uma das Irmãs da Purificação. Eu comecei a fazer encontros vocacionais e como foi belo o modo como a formadora, irmã Rejane, me conduzia ao lodo espiritual, mas, sobretudo, a ver meus conflitos e resolvê-los. Ressalto o meu relacionamento com a minha mãe, o modo como me ajudaram a ver minha história de vida, ver as marcas do amor de Deus e da minha família, transformou positivamente a minha relação com minha mãe e com toda a minha família e, consequentemente, eu passei a relacionar-me melhor comigo mesma e com os outros.

O tempo em que morei com as Irmãs da Purificação, de 2012 a 2015. A maior e mais profunda experiência que fiz até hoje na minha vida. Eu cresci como cristã católica que sou e

cresci muito como ser humano. Como elas me conduziram a trabalhar o meu humano! Hoje percebo muito bem minhas imperfeições, mas carrego em mim a certeza do quanto cresci e me afirmei como pessoa. Me conduziram ao melhor de mim, sem anular os meus limites e superando-os sempre que precisasse. Fiz uma bela viagem para dentro de mim, às vezes dolorida, mas que me conduziram ao belo que em há mim e que eu não sabia que existia.

Enquanto vocação nessa viagem que fiz, percebi que ser freira não era a minha. E comecei com as Irmãs da Purificação outra viagem, encarar outro modo de vida. Sim, eu sai do convento, não iria mais ser freira, mas elas estiveram e ainda estão comigo em cada passo que dei para sair, encontrar emprego e me estabilizar. Elas não me abandonaram porque, digo com a certeza do meu coração, elas me amam! Eu sinto isso todos os dias. Elas amam os jovens. Há uma frase de um santo que parece muito com as Irmãs da Purificação: “Basta que sejam jovens para que eu vos ame”.

Eu ainda sei onde as irmãs guardam os pratos, os copos e as roupas de cama, também frequento o convento e durmo lá quando quero passar mais tempo com elas, ainda faço orações como eu fazia no convento, entre tantas outras coisas, porque mesmo não sendo uma Irmã da Purificação consagrada, eu sou da família.

Como você vê a contribuição das irmãs na sua formação?

Elas contribuíram na minha formação diretamente, posso dizer que o que eu sou como ser humano devo em maior parte a elas, mas não devo porque sei que tudo foi por amor. Hoje eu sei e consigo expressar meus sentimentos e minha afetividade sem medo de me magoar, pois aprendi das irmãs e com as irmãs a não criar expectativas nas coisas e nas pessoas, vou sabendo que tem riscos e o maior deles é ser retribuída, é amor. Aprendi a fazer o que eu tinha mais medo, a entrar em mim e fazer dos meus “cacos” um belo mosaico. Aprendi, sobretudo, que fazer mosaico é lindo, trabalhoso e que às vezes machuca, pois algumas peças podem ser bem finas e cortantes, mas é sempre belo ver o resultado, por isso não desisto de viajar para dentro [de mim] sempre que é preciso. Eu também aprendi com elas coisas como português, economia, culinária, artes manuais, geografia, história, reciclagem e até italiano. Aprendi a aprender sobre mim mesma. Então eu vejo que contribuição das irmãs na minha formação é como “uma coluna forte e robusta”.

Quais sugestões você daria para aprimorar o trabalho das irmãs?

Como sugestão eu digo para elas não pararem de olhar a juventude com esse olhar de amor que nos devolvem. As Irmãs da Purificação sempre souberam atender os sinais do tempo que vivem sem perder o foco do que são, que elas se insiram mais no “mundo virtual”, tem uma nação de jovens que precisam conhecer a luz que elas nos trazem.

APÊNDICE F

ENTREVISTA COM A JOVEM ANNA

Idade: 25 anos

Escolaridade: Graduada

Como e quando você conheceu as irmãs?

Foi no ano de 2016, em novembro, que conheci as Irmãs da Purificação. Elas ajudaram na missão de entregar brinquedos nas comunidades, na cidade de Santo Antônio, junto com o setor juventude.

Narre duas experiências significativas vividas com as irmãs, destacando o que você aprendeu com essas experiências.

O primeiro retiro da Pastoral Juventude Missionária, por toda a partilha, pelo carinho, acolhida e pela alegria dos momentos vividos. Pela irmã, por cada formação ricamente conduzida. Mas valeu não só pela riqueza dos momentos, mas pela integração e pela compreensão do serviço e a identidade da pastoral “chamados a escolher a melhor parte”.

O envolvimento com os jovens é muito lindo e muito gratificante para toda comunidade. A certeza que Deus foi maravilhoso ao colocá-las na vida dos que fazem a paróquia, pela preocupação, pelas orações, pela caridade, pelo caminho, pelo amor e por tudo partilhado.

Como você vê a contribuição das irmãs na sua formação?

A contribuição das irmãs na minha formação é muito importante para o enriquecimento e para o crescimento espiritual e pessoal, principalmente para estar preparada para as missões durante o ano.

Quais sugestões você daria para aprimorar o trabalho das irmãs?

Não tenho sugestão, o trabalho de vocês já é muito organizado.

APÊNDICE G

ENTREVISTA COM A IRMÃ IVANILDA OLIVEIRA

Idade: 27 anos

Há quantos anos está e qual missão desenvolve dentro da comunidade?

Eu estou a sete anos na comunidade religiosa e missão que eu desenvolvo é na pastoral de crisma, adolescência missionária, visita aos idosos e doentes e o trabalho de evangelização com os jovens dando formação.

No ser vida em oferta, como você desenvolve a missão formativa dos jovens?

Buscando, em primeiro lugar, ser luz e testemunho no meio deles e, depois, busco conscientizá-los do sentido da vida e da fé.

Para você o que é espiritualidade?

Para mim espiritualidade é tudo aquilo que me liga a Deus e aos irmãos através de cada ação, atitudes e gestos.

Qual importância você dá para a espiritualidade dentro da formação da juventude?

Para mim a espiritualidade é a essência para dar sentido à vida do jovem, pois Deus leva o jovem a encontrar a sua verdadeira identidade como pessoa criada e amada.

APÊNDICE H

ENTREVISTA COM A IRMÃ MARIA JOSÉ COSTA

Idade: 42 anos

Há quantos anos está e qual missão desenvolve dentro da comunidade?

Dentro da congregação... Há 25 anos desenvolvo atividades pastorais junto aos adolescentes e jovens.

No ser vida em oferta, como você desenvolve a missão formativa dos jovens?

Busco ofertar minha vida a Deus procurando ser instrumento de luz na vida dos jovens através de encontros periódicos e/ou sistemáticos, buscando levar uma mensagem contextualizada com as temáticas e anseios da juventude atual sem perder de vista a identidade cristã, promovendo o protagonismo, sendo presença próxima e proporcionando a escuta dos mesmos.

Para você o que é espiritualidade?

É parte intrínseca do ser humano, a dimensão religiosa através da qual anseia por cultivar uma espiritualidade.

No nosso caso, a espiritualidade cristã, é algo que nos transforma desde dentro e nos chama a uma mudança de vida que nos eleva em nossa liberdade.

Compreendo assim que cultivar a espiritualidade significa compreender que não estamos sozinhos, que nossa vida tem um sentido, e que, se vivido, enobrece a nós mesmos e enriquece o outro. É entender que não somos resultado de um acaso, mas que somos fruto de um ser Supremo, de um amor maior. Que estamos nas mãos de um Deus amoroso que deseja estabelecer conosco uma relação pessoal, próxima, concreta e que se fez realidade palpável na Pessoa de Cristo, e que nos convida a comprometer nossa vida por meio do Amor, que deve nortear nossas decisões e nossos atos.

Qual importância você dá para a espiritualidade dentro da formação da juventude?

Cultivar a espiritualidade na formação da juventude é de fundamental importância porque traz presente ao jovem a realidade de que são membros ativos na diversidade do Corpo de Cristo que é a Igreja, onde, alimentando a fé, o amor e a esperança, a luz do Evangelho de

Cristo, exercem e promovem valores como responsabilidade, respeito, tolerância, altruísmo... em uma sociedade onde por vários modos, propaga o contrário. Proporcionam com certeza, a construção de um mundo melhor.

APÊNDICE I

ENTREVISTA COM A IRMÃ MARIA DE NAZARÉ OLIVEIRA

Idade: 52 anos

Há quantos anos está e qual missão desenvolve dentro da comunidade?

Estou na comunidade faz 33 anos, já exerci várias missões na comunidade, mas, no momento, estou no acompanhamento psicológico e formação integral com crianças, adolescentes, jovens e adultos. Faço parte do Centro de Espiritualidade Inaciana SIES, do qual uma vez ao mês fazemos uma manhã de espiritualidade inaciana.

No ser vida em oferta, como você desenvolve a missão formativa dos jovens?

Desenvolvo em forma integral, visando a promoção cristão de cada um, levando em conta que somos um todo em Cristo, resguardando a individualidade de cada um, com a beleza da juventude, que podem dar muito em um mundo fragmentado, mas que, em primeiro lugar, devem ser inteiros e livres para amar aquilo que não é amado, que as formas de amor oferecida pelo mundo não correspondem ao amor de Deus, focando assim nos valores cristãos que a Igreja oferece.

Para você o que é espiritualidade?

A espiritualidade é uma vida com qualidade que exige de todos nós uma vivência espiritual equilibrada, na qual possamos cuidar de todos os outros aspectos que nos compõem, sem deixarmos de lado nenhum deles. A espiritualidade é quando reservamos um tempo para a nossa oração diária. A oração nos devolve a paz, nos coloca em contato com nossa própria alma e com Deus já presente nela. Silenciosamente, o Senhor vai transformando o nosso interior para que o exterior seja um reflexo daquilo que foi sendo cultivado nos tempos sagrados reservados para o nosso crescimento na fé, na esperança e no amor. É a experiência de Deus que trazemos gravada em nossa alma e que não fica isolada das outras experiências da vida, mas as potencializam. A espiritualidade é um jeito maduro de ser mais humano e divino. Quem encontrou em si mesmo o segredo do amor de Deus que em nós equilibra todos os aspectos da vida, fazendo com que não sejamos egoístas, mas levando também o outro para o caminho de Deus.

Qual importância você dá para a espiritualidade dentro da formação da juventude?

De grandíssima importância, sem uma espiritualidade não podemos levar esses jovens a uma formação integral, fazendo com que eles percebam que sem Deus não podemos ir a nenhum lugar.

APÊNDICE J

ENTREVISTA COM A IRMÃ ANGELINA CARVALHO

Idade: 31 anos

Há quantos anos está e qual missão desenvolve dentro da comunidade?

Estou na comunidade há 10 anos e sou muito feliz por esta aqui, posso dizer que encontrei o meu tesouro.

No ser vida em oferta, como você desenvolve a missão formativa dos jovens?

Por meio da maternidade, cuidando deles e formando para crescer na relação com o Senhor e com os outros. Por meio da escuta, escutando as suas dores e alegrias e direcionando para um maior discernimento em fazer as escolhas certas segundo o coração de Deus. Por meio da oração, cuidando deles e levando eles a crescerem sempre na intimidade com o Senhor, que só nasce por meio da oração. E por meio de ir ao encontro, mostrando assim a alegria de ser de Deus.

Para você o que é espiritualidade?

Para mim espiritualidade é viver segundo as moções do Espírito e assim viver por inteira em tudo aquilo que faço.

Qual importância você dá para a espiritualidade dentro da formação da juventude?

Através do conduzir a juventude nos caminhos de Deus por meio da identidade pessoal e da identidade cristã, e assim encontrar a verdadeira felicidade. Na Identidade pessoal, busco ajudar os jovens a alcançar escolhas de valores significativos e a se questionarem: “que sentido tem a minha vida? Em qual direção devo orientar a minha existência? Para quem e para qual coisa empenhar as minhas energias?”. Na identidade cristã, no buscar exprimir o ser e a vocação: Cristo em nós e nós em Cristo. Iniciado com o sacramento do batismo. O querer ser de Deus, buscar ser de Deus e ser de Deus!

APÊNDICE K

CÍRCULO DE CULTURA

Iniciei o círculo de cultura explicando do que se tratava, de como seria a dinâmica e trouxe um pouco também do que se tratava a minha pesquisa.

O ambiente foi organizado em cadeiras colocadas em círculo e havia um cenário no centro onde continha um tecido vermelho com um cartaz trazendo o tema da minha pesquisa, “Educação e Espiritualidade”, envolto de várias imagens que, dentro do que eu já havia pesquisado, revelava algo sobre espiritualidade: pessoas de várias denominações religiosas rezando, pessoas conversando, assistindo TV, jogando, pedindo por comida, sofrendo, chorando, em protestos, fazendo prova...

Participaram desse círculo cinco jovens entre as idades de 25 anos a 35 anos.

Com isso, propus deles escolherem uma imagem e, partindo dela, falarem o porquê de tê-la escolhido e como ela tinha relação com o tema em questão.

(Enquanto escolhiam as imagens:)

Hayanne: Você não gostou da cor dos copos não?

Fernanda: Eu não gostei da cor das pessoas (risos)

Hayanne: Nossa, Preta! (risos)

Fernanda: Eu achei muito “The Sims”. Gosto de coisa muito branca já.

Daniele: Me senti ofendida. (risos)

Fernanda: Não amiga, mas você faz parte da minha cota. Você e o meu pai... é meu pai é branco. Só ele.

Hayanne: Ela se acha muito preta, né?!

Daniele: É, ela tirou uma foto com o Ed e disse “Preta e Preto”, eu disse “Rapaz, assim...” (risos)

Fernanda: É, mas perto de Ed, quem se...?!

Daniele: Eu não posso ficar...

Fernanda: Perto de Ed quem que é preto perto dele?! (Silêncio). Isso daqui podia ser caso espiritual porque a pessoa sempre pede, isso daqui é a prova da OAB, pela cor. A prova ou é do ENEM ou é OAB. Tenho certeza de que a pessoa está pedindo a Deus aqui alguma iluminação.

Hayanne: Ou então está pedindo a Chico Xavier... (risos)

Daniele: Eu acho que é o momento que a pessoa mais reza. Para quem estuda é o momento que todo mundo se junta para orar. (risos)

Hayanne: Preta já passou por todas as fotos.

Fernanda: É porque eu quero ter certeza quando eu escolher! Eu escolhi aqui, essa!

Eu: Diante dessa imagem, porque vocês a escolheram e o que fala de espiritualidade para vocês?

Hayanne: Mas se a gente estiver fugindo do tema, tu falas, porque...

Fernanda: Não, é. Eu já pensei ao contrário, porque todos nós pensamos em contextos diferentes.

Hayanne: Eu estou tentando pensar no contexto escolar. Você está no meio geral, é?

Fernanda: Não, eu pensei em espiritualidade de religiosidade. Vou começar! Eu não vou falar em um contexto geral agora, porque eu acho que até mesmo no momento que eu estou passando, até de amadurecimento como pessoa e profissional, como sendo da área acadêmica, eu fiz dois cursos, fiz uma pós e emendei no mestrado e sendo, de qualquer forma, por eu estar sempre na Igreja, porque eu tenho uma parte muito forte de Igreja dentro da minha casa, como todos já conhecem, não precisa eu ficar contando a história. É tão forte que meu pai foi se formar em teologia. Essa parte educacional de Igreja, essa parte educacional religiosa, era muito forte na minha casa, então, ao mesmo tempo em que líamos os livros de escola normais, eu fiz catequese duas vezes, a primeira eucaristia duas vezes porque gostava de ir para as aulas, eu achava ótimo ir para as aulas, éramos incentivados a ler livros infantis, painho comprava livro das Paulinas de criança para a gente ler, não era de... Eu não li Cinderela, Disney... A gente lia esses livros de Igreja: “Rute e Raquel”, “Caim e Abel, a história”. Aos doze anos ganhei uma Bíblia que eu tenho até hoje e que dei para a PMI, uma Bíblia infantil que eu li todinha e achava o máximo. Só que isso me prejudicou, de certa

forma porque, quando eu escolhi o Direito, é um meio que existe muita gente ateia, ou vira ou se amostra, os que são de verdade são alguns, mas os que se amostram são 90%, assim tenho que separar muito o que é estado de direito e o que é a minha religião, e eu tinha dificuldade antes de definir, o que era que eu tinha de conceitos da minha formação religiosa e do que eu tinha da vida como estado, como lei, como o que é certo. E a gente foi sempre educado em casa a fundir os dois, então, tem coisas que eu não devo fazer, acima de tudo porque eu sou cristã e depois porque é errado, e tem coisas que é errado para mim que sou cristã, mas que não é errada para a Dani que não escolheu ser cristã, que decidiu só ser cidadã brasileira. Diante então dessa pergunta, eu decidi escolher essa imagem, que é o pessoal na Palestina eu acredito [é *Jerusalém*], são judeus, então é do outro lado, porque senão já estavam mortos... Porque eu achei na parte religiosa, eu não entrei na parte educacional, porque transmitem uma fé, eles acreditam naquele muro, que ali é um lugar para orar, e isso transmitiu para mim uma espiritualidade desse grupo em estar ali, mais fé, demonstração de crença. Mais para a parte religiosa do que para a parte educacional, porque agora eu estou separando muito bem em conceitos, como estou dando aula, então eu estou separando essa parte do que é espiritual e o que profissional.

Hayanne: Então para você, se separa?

Fernanda: Agora mais nessa parte quando eu vou conversar com alguém, se eu for dar aula. Eu estou tentando separar aquilo que é a minha visão, Fernanda Católica Apostólica Romana desde que nasceu e Fernanda professora de direito internacional. Eu tenho que separar porque as vezes eu lido com situações onde as pessoas não têm a mesma crença do que eu e não posso interpretar a lei como religião. Na minha vida pessoal não, eu não vou difundir porque eu fiz essa escolha, não posso dizer que eu sou católica, mas só quando a lei... Porque eu escolhi ser católica, eu quis ser. Se eu quis ser católica, se eu quero ter essa educação, seria errado eu gerir a minha vida, meu emprego e as minhas coisas sem a minha base religiosa, sem a minha base espiritual, até porque não é isso que a nossa religião prega. Não se pode deixar a Igreja só na Igreja, não tem como, tem que levar a Igreja para a sua vida. Mas quando eu vou falar, quando vou conversar, aí eu tento hoje já deixar a minha opinião bem clara. Quer ver um tema que para mim até ano passado era absurdo, era o aborto. Era um tema que eu ficava para enlouquecer, para chorar para ser honesta. E papai escreveu ano passado um artigo no Sal da Terra sobre o aborto descendo o pau e disse para mim “você já leu?”, e eu disse “deixe de me alfinetar, porque você sabe que é um assunto delicado para mim”. Eu sempre fui do lado feminista, de luta, do empoderamento e eu tenho uma educação religiosa

muito forte, então quando as pessoas vinham para mim eu dizia que não tinha opinião formada ainda, porque eu não tinha condição de ter uma opinião formada, porque era muito forte a briga entre um e outro, agora não, eu já consigo alinhar meus pensamentos com minha religião. Eu me considero uma pessoa altamente influenciada pela minha educação espiritual.

Hayanne: E que você conseguiu isso através de sua família...

Fernanda: É, com certeza absoluta. Não sei, se eu morasse em outra casa.

Eu: Então você liga espiritualidade a esse sentido de religiosidade familiar?

Fernanda: Eu não acredito que seja a única forma, porque você conhece outras realidades, mas no meu caso é e eu não conheço outra, eu não vivi outra, no meu caso eu já nasci assim, eu não tinha escolha.

Hayanne: Ela fala assim, mas ela nunca se impediu de conhecer outras crenças. Ela já foi para trezentos milhões de lugar, até para a Videira ela já foi. Então, por mais que seja a família que tenha crescido com ela nisso...

Daniele: Ai entra a questão de afinidade.

Hayanne: Não impediu de ela conhecer outros. Vai que ela tivesse sentido o chamado em qualquer outro canto desses?! Você pode estar em vários lugares desses, mas optou por estar...

Fernanda: Sim, fui para vários lugares desses e eu pude optar, o meu pai sempre deu muita liberdade a isso. “Você pode ir para onde você quiser, faça o bem! O que eu prometi no dia do meu casamento de educar meus filhos na Igreja Católica, eu prometi diante de Deus, eu e sua mãe. ‘Promete criar seus filhos na Igreja’... ‘Sim!’, no dia que a gente disse sim, a gente batizou você, colocamos na primeira eucaristia, até duas vezes, mas no dia em que você disser que não quero mais, quer ir para tal culto, vá!”. E eu fui para todo o canto, mas eu optei por ficar. Os meus amigos sempre pegaram no meu pé quando éramos mais novos, porque eu sempre gostei muito do serviço da Igreja. Mas eu também não tenho outra realidade, eu não conheço. Fui conhecer mais quando fui ficando mais velha, que vai para os encontros, para os grupos de jovens, vai partilhando, vem por outros caminhos, mas o meu caminho era muito fácil, muito enraizado.

Hayanne: Seria nesse sentido? A família dela criou essa religiosidade, mas a partir do momento que deu liberdade a ela de poder escolher onde ela podia estar, não foi criada certa espiritualidade nela que fosse diferente de religiosidade? Tipo assim, criou isso nela...

Gigliato: Lá vem Hay com uma pergunta do ENEM

(risos)

Hayanne: Não, porque assim, se fosse apenas religiosidade ela ficava só naquilo, na católica, naquela coisa litúrgica... a partir do momento que ela está falando que ela foi crescendo, e pelo que eu conheço também dela, eu noto a liberdade que ela tem e que a família dela também permite isso, dela escolher e de se sentir bem onde ela estiver. Isso não seria o que a família dela implantou, por mais que seja pelo meio católico, mas isso não é um pouco de espiritualidade para que ela seja espiritual em qualquer canto em que ela esteja? Porque eu acho que espiritual não remete necessariamente em ser católico e tal, porque até mesmo eu não concordo que a escola implante isso.

Fernanda: Eu também concordo com isso, eu sempre achei que a escola deve ser laica.

Hayanne: Isso.

Fernanda: Você tem a opção, se quer colocar o seu filho numa escola católica, você o coloca no Salesiano ou na Auxiliadora... mas se não quiseres também... coloca ali no Master.

Daniele: Gostei da propaganda. (risos)

Hayanne: Mas se tu entras ali no Master tem uma imagem de Nossa Senhora, amor.

Fernanda: Já não coloca mais. (risos)

Hayanne: Se você for de qualquer outra religião vai se sentir um pouquinho ofendido, incomodado. Mas é diferente de você implantar uma religião... Eu fui para escolas que me implantaram religião, para mim foi muito cômodo porque eu nasci com os meus pais na Igreja, mas se eu fosse do candomblé, do espiritismo ou tal, eu ia ficar um pouco assim. Eu acho que espiritualidade não entraria em mim por causa disso, ia me causar uma aversão, porque não é algo que compactua comigo. Mas na liberdade que Preta teve de escolher, acho que os pais dela tiveram cuidado de implantar o sentido espiritual, dela ter isso nela e desenvolver independente de onde ela esteja ela vai ser uma ótima pessoa, vai ter esse

sentimento espiritual nela. É isso? Nesse sentido? Por que eu tenho que entender qual o sentido aqui...

Fernanda: Espiritualidade não está ligado diretamente a religião, isso é lógico, porque senão só uma religião teria espiritualidade, mas todas têm. Mas está ligada a Deus? Porque Deus está em tudo, seja lá trinta, seja lá um, mas tem. Porque aqui... Deus? Temos! Qual é o que você está precisando? (risos)

Daniele: Qual cor você quer? De que tamanho? (risos)

Fernanda: Qual o seu problema que temos um Deus só para isso. Ok, eu acho *closed*. Eu mesma só queria andar assim, linda. Mas...

Daniele: Essa daqui está meio assim, avatar.

Hayanne: Avatar, eu aqui Nemo! De onde é que eu tirei...

Fernanda: Essa cor não ia caber bem em mim.

Daniele: Eu também acho que não.

Fernanda: Mas está ligado a ter um Ser Superior, pode se dizer assim? Ou a ser uma pessoa boa?

Hayanne: Ter boas ações, nesse sentido.

Eu: Está aí a minha conversa com vocês. Quando vocês pensam em espiritualidade, a quem vocês ligam?

Hayanne: Somos todos de Igreja aqui, não tem como, mas a gente sabe que é diferente.

Eu: Diante do teu discurso, foste trazendo aquilo que se pode colher. Diante da imagem, porque tu a escolheu?

Hayanne: Puxando um pouco de Preta. Nessa imagem tem uma pessoa sofrida e outras abraçando. Foi nem na parte do sofrimento, mas na parte do apoio. Pessoas dando apoio, ajudando um outro. Acho que educação e espiritualidade é isso. Como eu tinha pensado em uma parte mais educacional e eu não concordo em implantar religiosidade dentro da escola, eu acho interessante ser implantada boas ações, de você saber o que é certo e correto, geral, mas não algo polêmico, tipo aborto, tem religião que vai defender outra que não, mas você

não pode chegar num colégio e dizer que aborto é certo ou errado. Baseado em quê? Aí você vai entrar no sentido de quê? De você praticar coisas boas, de você criar um cidadão do bem. Mas foi mais nesse sentido, que a escola crie um ambiente, ou qualquer outro canto, crie um ambiente de crescimento pessoal que seja voltado para o bem e que você crescesse uma boa pessoa. Que em qualquer religião que você for é isso, se tornar uma boa pessoa.

Fernanda: Acho que formação integral é isso, como a amiga Hay falou, formar esse cidadão, cercado de boas ações, aquele que é eticamente correto.

Hayanne: Isso. Se você for aprofundar para um só lado, você está tratando como doutrinação, independente do que você esteja falando. Sendo eticamente abrange qualquer lado e não esquerda direita, em cima ou em baixo. Que você cresça uma pessoa neutra, que você seja capaz de escolher o canto que você quer ir e o que você quer defender de acordo com a espiritualidade que foi criada junto com o meio e junto com a família. A família está muito atrelada a isso, inclusive a educação. Não concordo de outros meios somente formar essas pessoas que estão se desenvolvendo. A minha família é um canto que é o determinante.

Daniele: É porque esses valores hoje também estão bem misturados. Antigamente, muito antigamente você tinha bem definido o papel da família na educação da criança e o papel da escola. Hoje, acho que até pelo corre-corre, pelo fato das pessoas estarem cada vez com menos tempo, as pessoas escolhem as escolas que queira fazer tudo, que pegue uma criança e transforme em um ser humano capaz de fazer: de pensar, de julgar, de analisar, tudo! Antigamente você tinha a mãe que não trabalhava e que dava a educação mesmo, e a escola era mais a questão...

Hayanne: Português, matemática, didática.

Daniele: Exatamente, mais essa questão didática. Hoje não, eles querem tudo, então meio que se misturou. E, às vezes, os pais esperam que seja ensinado, até colocando em uma escola católica, evangélica ou qualquer que seja. “Sou dessa religião e vou colocar o meu filho aqui porque vão ensinar valores também...”, coisas que eram para estar aprendendo em casa. Eu estudei a minha vida toda no Salesiano e quando eu vi esse tema, “Educação e Espiritualidade”, eu lembrei da escola. Eu elogio muito, se um dia eu tiver um filho e tiver condições, eu o colocaria lá, porque tem esse lado da educação e tinha essa parte de... eu conversava com os padres, e eu vejo que era diferente. Quem tem Deus tem pensa diferente e age diferente, isso a gente sabe, e eu vejo hoje que eu levo muito dos valores, claro que

ajudou porque em casa, sou de uma família católica, meio que casou. E assim, meio que retomando o que Preta falou, como eu nunca estudei em outra escola, para mim a escola sempre teve esse papel, nunca foi separado, então tenho nem como comparar. A minha vida era missa, quando era dia de São José, não tinha aula, a gente ia para aquela comemoração e ganhava um lanche, me lembro demais. E agente também tinha essa questão do acompanhamento, do conversar, de confissão, de ir para a missa, participar, fazer com que a gente quisesse ir ali. Então, sempre foi junto na educação e essa parte religiosa e de espiritualidade, eram passados esses valores. Era uma educação que passava verdadeiramente esses valores de querer ser um cristão no mundo, um cidadão diferente, uma pessoa que quer fazer melhor, pensar no outro. A não ser que eu tenha tido sorte de ter tido amigos que pensavam assim e professores. E eu vejo que hoje eu levo para todo o canto, são coisas que eu aprendi de verdade. Quando eu dou aula eu estou sendo católica, eu não consigo não ser, não consigo ver um aluno precisando de alguma coisa e eu querer... eu penso no outro. A gente leva isso. Porque de tanto que é falado a gente fica: “e se fosse Jesus aqui precisando?”, esse menino passou o semestre todinho conversando, mas eu não vou, “que se lasque agora!”. A gente respira, e se fosse Jesus, bem rebelde?! Eu ia ter que querer ajudar a ele. (risos)

Hayanne: Mas você só faria isso pelo fato de você ser católica ou por ser uma boa cidadã, muito bem criada.

Daniele: É por isso que essa questão da espiritualidade é muito importante. Eu tenho uma amiga, não os da Igreja. Ele estudou inclusive no Salesiano, mas a família dela não é religiosa e tudo dela é dizer “não que eu não sou cristã”, mas ela ajuda. As vezes quando a gente sai para comermos juntas ela sempre diz: “não, eu vou comprar isso porque onde eu sempre passo tem uma pessoa que fica ali”. Ela dá um sanduíche... Eu digo, “você não é cristã, mas faz o bem e isso já é algum vínculo, você acredita que existe algum ser superior que não pode ser Jesus, não pode ser Maria”. Um dia desses ela ficou toda empolgada porque eu disse que todas as Nossas Senhoras são as mesmas e ela disse que não acreditava, que pensava que eram várias, aí eu disse que não, que era a mesma, só mudava o *look*, que era assim diferenciado. Mas tipo assim, ela tem essa espiritualidade, ela pensa no outro, ela quer o melhor. Mas eu acho que para mim, a religião e a espiritualidade, eu sempre gostei de rezar, a oração para mim... desde pequena. Me lembro da primeira vez que rezei o Terço, eu tinha três anos, com mainha. E assim, eu sempre gostei. Meus pais não são muito de Igreja, mas eu sempre gostei. Não sei se foi por causa da Escola que sempre tinha os padres para conversar, seminaristas. E eu tive sorte deles serem acolhedores, porque tem gente que tem medo, mas eu não, era um

ambiente acolhedor, foi algo que funcionou, fez a diferença. E foi por isso que eu escolhi essa foto aqui, porque espiritualidade para mim é isso, essa relação que você tem, pode não ser Deus, pode não ser Jesus, mas você acreditar...

Fernanda: Ter uma fé.

Daniele: É isso, ter em quê acreditar e você achar que a vida não é só isso. Eu tenho dó dessas pessoas que não acreditam em Deus e que acham que a vida é só isso, que você só tem essa chance aqui. Deve ser terrível. Se você fizer errado, pronto. Triste você pensar que é só isso aqui, morreu e acabou-se.

Hayanne: Foto polêmica agora (risos)

Maiara: Eu foquei bem na escola. Lá em casa, a diferença de idade entre eu e meu irmão são de doze anos, é muito tempo. Eu consigo ver dois mundos. Na época em que eu fui para a escola eu precisava de uma escola de tempo integral, então os meus pais me optaram por me colocar na Escola Doméstica, que se diz laica, mas para mim não era. Como eu era de tempo integral e eu passava o dia todinho lá, só não dormia, porque lá também tinha as internas. Mas assim, como eu era semi-interna, eu participava de tudo o que tinha lá. Então, se era maio, o mês de Maria, passava a imagem, por mais laica que fosse, mas a diretora não era laica. Dentro da sala de aula não se discutia, por isso que eu peguei essa imagem, porque não se discutia, temas muito polêmicos não se discutia e já o meu irmão hoje, ele estuda no Salesiano, então eu noto que quando tem um tema muito polemico assim, eles não abrem muita discussão para a polêmica, eles já dão um direcionamento espiritual religioso.

Fernanda: Eu acho que é coerente porque a escola é católica, está lá o nome São Dom Bosco, com a foto e tudo, não dá para você errar.

Hayanne: Concordo, verdade.

Fernanda: E eles direcionam mesmo.

Maiara: Mas lá na Escola Doméstica eu tive aula de Ética e Convívio Social. E a minha espiritualidade e religiosidade, eu não consigo dissociar.

Gigliato: Vocês tinham Ciências da Religião?

Daniele: Eu tinha, inclusive fiz primeira eucaristia e crisma na escola, por isso não tenho como diferenciar.

Maiara: Tem muita confusão das mães que... aí o padre diz, aqui é uma escola católica. Aquela coleguinha do meu irmão, a escola foi falar para diminuir a maquiagem, hoje ela já está muito melhor, ela ia de batom vermelho e delineador todos os dias, a escola pediu, porque ela não estava muito dentro... ela queria...

Daniele: Da filosofia Salesiano, dos ensinamentos de Dom Bosco. Lembro.

Maiara: Os pais entram em conflitos. Como a minha mãe presta serviço social dentro do Salesiano porque ela é fisioterapeuta, então ela tem um contato muito maior com os padres, e o padre diz que hoje é muito difícil, eles estão cedendo muito porque é complicado. Eles não liberam o namoro, como a coleguinha do Mateus, aquela menina começou a namorar com 12 ou foi 13 anos, com esse menino, foi complicado porque outros pais se sentiram ofendidos por ela estar ali se agarrando com o menino. E assim, na época que eu estudava na Escola Doméstica, não é que não existia, porque tinha o Henrique. Tudo isso era colocado nessas aulas de Ética e Convívio Social, era coisa mais sutil. E a minha espiritualidade, junto com a minha religiosidade foi por causa da minha mãe. Eu dissocio completamente da escola, apesar de eu ter sido educada dentro da escola de ser uma pessoa boa, uma boa índole, saber o que é certo e o que é errado. Mas eu acho que não existe escola laica, porque existe alguém...

Hayanne: Algum professor...

Maiara: No meu caso a minha diretora era extremamente católica, eu participei de ir para a Auxiliadora deixar a imagem de Nossa Senhora, porque a escola ia.

Fernanda: Mas eu também acho que é uma coisa que tinha antes. Eu acho que na nossa época de escola a gente tinha matérias como essa de ética e dava para ensinar, hoje em dia você vê um menino pintado de escravo no CEI e o povo defendendo, “Amiga ficou ótimo!”.

Daniele: “Ficou muito perfeita”.

Fernanda: E você não consegue ensinar mais ética numa escola dessas. Nem dentro da Escola Doméstica você consegue hoje ensinar mais ética.

Hayanne: Olha só como é complicado, na Doméstica tinha aula de costura e lá só tem mulher, aí vai falar que é preconceito porque é só mulher, é machismo. Mas sim, e se misturasse, o homem não podia. No Castelo Escola tinha aula de culinária, não separava mulher com homem. Não tinha essa separação, mas acho que é muito complicado.

Maiara: Eu fazia o tempo integral e o tempo integral era misto. Então na hora do refeitório era todo mundo junto, homem e mulher era obrigado a seguir as regras de etiqueta e tinha um rodízio de quem ia servir.

Fernanda: A Escola Doméstica ensina a cozinhar, mas não era uma coisa machista, ela não faz isso porque a mulher tem que fazer, ela faz isso porque na época era como se...

Hayanne: Era cultural.

Fernanda: Era cultural e ela manteve isso não como mesma valia que tinha matemática e português, mas era como algo que você ia ter extra.

Hayanne: Extracurricular

Fernanda: Tanto que nunca foi uma escola que teve uma aprovação baixa no vestibular, nunca foi escola que teve um índice ruim. Hoje é porque existem essas escolas que são outro mundo. Educacionalmente nunca foi uma escola ruim. Mas na época da gente de colégio era fácil ter um ensino integral sendo uma escola religiosa ou não, porque se tinha uma escola que ensinava ética e não sei o quê. Aqui o ITAECE era laico, apesar de ter que a noite Mariana e a gente estar lá todo mundo de farda. Mas não tinha uma imagem no colégio, por mais que a diretora fosse católica. Índio, todo mundo se veste de índio. Dia do Saci, todo mundo se veste de preto sai pulando, dia do soldado, todo mundo põe o chapéu... A gente tinha muito isso.

Maiara: Tem o Halloween, no Salesiano foi o Dia de todos os Santos.

Hayanne: Não teve Halloween?

Maiara: Não comemora. Teve o carnaval, mas...

Fernanda: Está correto, não foi você que escolheu?

Maiara: Ainda assim, eu acho que a minha educação foi melhor que a do meu irmão.

Hayanne: Eu acho que é a época também. Por exemplo, os professores, peguemos o Salesiano, como os diretores poderão selecionar professores que seguem a mesma linha que o Salesiano e ainda exigir a mesma qualidade para provar no vestibular?! Os melhores professores de lá de história e sociologia são todos ateu e até anti-Cristo, você não vai botar essa pessoa no Salesiano para o seu filho ser aprovado porque ele não é católico? Não. Então, dentro de um ambiente católico tem o Agenor, que é... falou de capitalismo, ver *capetalismo*.

Ele é super socialista, super não sei o quê, odeia Deus, Cristo. Ele vai ensinar no Salesiano. Na hora que ele está ensinando geografia ou história para o seu aluno que está num colégio católico, óbvio que vai transparecer. Tu achas que o diretor não vai querer o melhor professor de história do RN ensinando o seu filho, porque ele quer aprovação. É muito diferente hoje em dia.

Fernanda: Um Ciências Aplicadas desse. Acho que é um lugar que tem menos espiritualidade que eu conheci na minha vida. Você sente. O espírito de competitividade, de que você tem que ser o melhor, não importa de como você vai fazer para atingir esse topo. Uma pessoa daquela não vai ter uma educação ética, moral, de sociedade. O relato dos meus clientes é isso, que você muda completamente.

Gigliato: Querendo ou não a escola virou um comércio.

Fernanda: É, isso é fato.

Maiara: Antigamente tinha até um respeito por querer conservar a tradição do colégio, hoje em dia, ninguém está nem aí.

Gigliato: Antigamente meus tios não se via envolvidos com bandidagem, drogas, mas já meus primos. Por quê? Acho que vem tudo da base familiar, que é fundamental.

Daniele: De tudo. E depressão e coisa, se vê porque é muita cobrança, até voltando essa questão de escola, vai colocar o seu filho num canto onde ele vai fazer o vestibular e vai passar, onde ele vai ter sucesso. A criança, ela é nem educada, ele praticamente treinada para ser um adulto de sucesso. Hoje em dia uma criança de 5 anos faz francês, Kumon, mil coisas. Antigamente a gente brincava, tinha outras preocupações. Vejo pelos meus primos. Tem uma cobrança. As pessoas são diferentes. Às vezes a educação é a mesma, mas as pessoas são diferentes.

Fernanda: Agora você... A pessoa quando aprende problematizar é horrível. Que espiritualidade não está ligada a religião, fato, já peguei esse círculo. Mas eu ainda estou ainda muito ligada no conceito que está ligada a uma crença, numa entidade, num ser superior que você acredita. E que você tem várias formas de representar. Na escola está difícil, por mais laico ou não, *fake* ou não. Tínhamos um direcionamento para ser um “cidadão de bem”.

Daniele: As pessoas são diferentes, tudo isso esbarra na individualidade do ser humano.

Hayanne: O seu irmão não pode ter religiosidade, mas ele com certeza tem a espiritualidade dele. E isso só confirma mais o que eu disse anteriormente, os seus pais te ensinaram a ser pessoas espirituais, aí você optou por ser espiritual dentro da religião, ele só optou por ser.

Fernanda: Aí a gente volta para o estudo da irmã, se tivéssemos na escola a obrigatoriedade de dentro da escola ter um ensino religioso como parte da grade curricular para que tivéssemos realmente um ensino verdadeiramente integral, isso faria com que tivéssemos, mais ou menos jovens espiritualizados.

Maiara: Eu tiro pelo meu grupo do EJAC. Muitos dizem que despertaram agora nessa idade EJAC, não por causa da família, porque não tinham essa base familiar. Talvez se ele tivesse um despertar escolar, ele teria seguido.

Hayanne: Mas eu acho que a irmã não está defendendo essa questão da religiosidade.

Daniele: Eu acho que é importante essa parte religiosa, mas falando de qualquer crença. Eu acho que a questão da espiritualidade é essa, ter essa conversa com quem você acredita.

Gigliato: No meu ensino fundamental eu me lembro de ter estudado religião, e eu vi budismo, xintoísmo. Isso para mim era bacana. A escola não era religiosa, mas a minha educação religiosa eu peguei muito da minha avó. É por isso que eu friso muito isso, a base familiar está se perdendo de um jeito impressionante. Por isso que eu escolhi essa foto aqui, porque acho fundamental, essas reuniões. É o diferencial dos encontros, essas discussões, por isso que tem muita gente que gosta de trabalhar nos encontros. Mas também é difícil sair do grupo da Igreja e falar sobre espiritualidade.

Fernanda: Acho que a espiritualidade, mesmo fora, como a gente não vai conseguir que ela esteja dentro da escola, até mais porque eu também defendo uma escola laica, aqui nós temos cinco jovens que conseguiram através dentro de suas famílias. Apesar de termos vindo de escolas diferentes, a gente consegue perceber que não adquirimos isso cem por cento da escola, a gente adquiriu muito por parte da nossa família, fato. Se não tivéssemos dentro da nossa família, estaríamos a mercê da escola, eu teria adquirido uns cinco por cento, dez por cento. A não ser que alguém tenha me chamado na época para ir para o ECRI. Mas, eu acredito que uma espiritualidade hoje seja importante para os jovens, seja onde for que ele possa adquirir, na família, na escola, seja onde for, acredito que, ainda mais hoje, num período em que vivemos de explosão de doenças psicóticas, eu acho que espiritualidade...

Gigliato: Acho ainda que se juntasse espiritualidade e religiosidade seria o “kombo mais”, que vale a pena.

Fernanda: Mas se você quiser tentar essa espiritualidade sem essa parte religiosa. Minhas amigas não são pessoas mais religiosas, mas são pessoas espirituosas. Pessoas que praticam o bem, que pensam nos outros e que vão para o céu, digo isso porque são pessoas boas, e isso é bom para elas. Acho que todo jovem deve ter contato com alguma espiritualidade, em algum momento da sua vida, é importante. Para a gente é fácil porque já faz parte do nosso ser. É essencial e inseparável. Se fossemos criar uma pessoa, alguma coisa assim bem científica, tipo aquele negócio lá, “A Ilha”, e perguntassem o que quer botar dentro dele até chegar cem por cento, boto pelo menos dez por cento de espiritualidade, porque dá outra visão.

Hayanne: Que crie gente. Me preocupa essas escolas robóticas, de criar pessoas perfeitas profissionalmente e acabam esquecendo da base. Elas vão enlouquecer num prédio, porque só sabem dessa parte competitiva e a parte espiritual está lá nem perto e a família não desenvolveu isso. Também concordo com Preta de que a escola, e qualquer outro espaço que desenvolva a pessoa, tenha espiritualidade na base, que tenham pessoas que respirem isso e ensinem isso aos outros, para cresçam sabendo do melhor para elas. Ai elas crescendo uma pessoa boa, um cidadão de bem, ela vai saber se comportar nos cantos da melhor forma, e não “vou ser a melhor e pouco me importa, eu vou ‘lascar’ com Dani porque...”. Para mim, uma das minhas piores épocas foi a de escola e se eu não tivesse uma base familiar muito boa.

Fernanda: Eu acho que a gente fez essa construção de espiritualidade juntando essas três coisas: ética, moral e religioso. Mas eu não faço a mínima ideia se é isso ou não é. Se fossemos resumir seria isso o que a gente entende por uma pessoa espiritualizada.

Daniele: Mas eu acho que ainda está muito ligado no você acreditar no espiritual mesmo, que a vida não fica só aqui, mas que transcende isso. Seja ligado a religião ou não. E isso ajuda não só na questão de você ter ética e moral. Mas a pessoa que é espiritualizada ela passa por uma situação difícil, mais fácil. Acho que a espiritualidade também está no como você encara os problemas, não só o outro. Como somos católicos, a gente sempre liga a relação com Deus, mas existe gente que é espiritual, mas não acredita em Deus.